



Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu*
Especialização em Educação e Divulgação Científica
Campus Mesquita

Lúcio Brandão Franca

GEOGRAFANDO NO BAIRRO FREGUESIA DE JACAREPAGUÁ: O espaço geográfico
como ferramenta de divulgação científica.

Mesquita – RJ
2017

Lúcio Brandão Franca

GEOGRAFANDO NO BAIRRO FREGUESIA DE JACAREPAGUÁ: O espaço geográfico
como ferramenta de divulgação científica.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como parte dos requisitos necessários para a
obtenção do título de especialista em
Educação e Divulgação Científica.

Orientador: Prof. Msc. Ludmila Nogueira

Mesquita – RJ

2017

F814g

Franca, Lucio Brandão.

Geografando no bairro da Freguesia de Jacarepaguá:
o espaço geográfico como ferramenta de divulgação
científica. / Lucio Brandão Franca. – Rio de Janeiro:
Mesquita, 2017.

64p.

Trabalho de Conclusão (Curso especialização em
Educação e Divulgação Científica do Programa de Pós-
Graduação Lato Sensu em Educação e Divulgação
Científica.) do IFRJ / Campus Mesquita, 2017.

Orientadora: Prof.^a MS Ludmila Nogueira da Silva.

1. Divulgação Científica - Geografia. 2. Geografia –
Freguesia de Jacarepaguá (RJ). I. Lopes, Julia de Freitas. II.
Instituto Federal do Rio de Janeiro. III. Título.

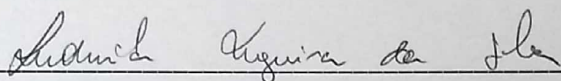
CDU 001.92:910

Lúcio Brandão Franca

GEOGRAFANDO NO BAIRRO FREGUESIA DE JACAREPAGUÁ: O espaço geográfico
como ferramenta de divulgação científica.

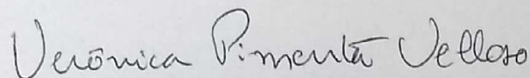
Trabalho de conclusão de curso apresentado
como parte dos requisitos necessários para a
obtenção do título de especialista em
educação e divulgação científica.

Data da Aprovação: 20 de dezembro de 2017



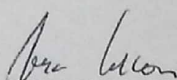
Prof. Mc. Ludmila Nogueira da Silva (orientador)

IFRJ



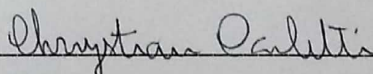
Prof. Dra. Verônica Pimenta Velloso

IFRJ



Prof. Dra. Vera Cascon

CECIERJ



Prof. Dr. Chrystian Carletti (suplente)

IFRJ

Mesquita – RJ

2017

*Dedico este trabalho a minha família, base
sólida para meus voos.*

AGRADECIMENTOS

Agradecer é sempre uma missão agradável e ao mesmo tempo perigosa. É bom saber que se conta com pessoas que nos momentos mais difíceis estão preparadas para nos auxiliar, ao mesmo tempo em que paira o medo de, erroneamente, esquecer de alguém.

Agradeço primeiramente a Deus, que é mais cientista do que muitos acreditam, e a Nossa Senhora da Penna, pois mesmo não sendo católico, tenho certeza que a padroeira da ciência, que foi várias vezes citada nesse trabalho, ajudou para que ele fosse concluído.

Agradeço a minha mãe, pois Dona Solange jamais permitiu que eu desistisse e sempre acreditou nos meus sonhos. Ao meu pai, Lúcio Franca, que nos deixou antes que este trabalho fosse concluído, mas que com certeza está sorrindo neste momento.

Agradeço a minha esposa, Alexandra, companheira corajosa e ombro amigo que ouviu horas de lamentação ao longo desta jornada. Ao pequeno Heitor, que tantas vezes pediu para brincar com o papai mas precisou esperar, pois os prazos estavam apertados.

Agradeço a minha orientadora, Ludmila, que mostrou que educação não se faz sem empatia, que abraçou minha causa e sempre me mostrou uma saída possível. Algumas broncas e muitas risadas, além de uma dedicação que, sinceramente, não sei se mereci.

Agradeço a minha turma por todo o companheirismo e parceria ao longo destes anos e por serem cientistas dedicados, éticos e criativos.

Agradeço especialmente a querida Dulce Gaspar, colega de turma que sabendo de minhas dificuldades, doou muito mais do que imagina e foi personagem motivadora para que a vitória fosse possível.

Agradeço finalmente a todos os meus alunos, de hoje, do passado e do futuro, pois eu escolhi ser professor, meu laboratório científico é a escola e seus desdobramentos e a conclusão dessa pós-graduação é reflexo direto da minha sede por conseguir levar o melhor até vocês.

“Naturalmente está acontecendo dentro da sua cabeça, mas por que é que isto deveria significar que não é verdadeiro?”

(Alvo Percival Wulfrico Brian Dumbledore, por J.K. Rowling)

FRANCA, Lúcio Brandão. Geografando no bairro Freguesia de Jacarepaguá: O espaço geográfico como ferramenta de divulgação científica. ___ p. Trabalho de Conclusão de Curso. Programa de Pós-Graduação Latu Sensu, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Mesquita, Mesquita, RJ, 2017

RESUMO

Neste trabalho propomos a construção de um roteiro para visitação do bairro da Freguesia de Jacarepaguá, onde o visitante terá contato com informa es histórico-geográficas referentes ao bairro. As freguesias eram formas político-religiosas-administrativas de controle do espaço nas capitanias. A primeira freguesia da capitania do Rio de Janeiro foi a da Candelária (1634), a segunda a de Irajá (1644) e a terceira de a de Jacarepaguá (1661), chegando em 1873 ao total de vinte e uma freguesias. Esse foi o ponto de partida para a elabora o do roteiro que aqui denominamos de “Geografando no Bairro: Freguesia de Jacarepaguá”, e que pretende facilitar ao público a explora o do local de maneira independente e realizar as observa es e intera es com o meio. Além do público espontâneo que visa conhecer o aspecto histórico-geográfico do bairro da Freguesia de Jacarepaguá, este material também poderá ser utilizado na educa o formal, através de adapta es pelo professor e alunos. Utilizando-nos de observa es de campo e análise bibliográfica, definimos os pontos de maior representa o cultural, histórica e geográfica do bairro. Feito isso, produzimos uma sugestão de trilha a ser seguida pelo público, utilizando para compor o material os mapas relacionados aos locais de visita o e informa es mais detalhadas de cada ponto. Buscamos, ainda, a utiliza o de tecnologias que possam complementar as informa es do material impresso como, por exemplo, Qr Codes, que encaminham o público a vídeos do YouTube ou músicas relacionadas aos temas apresentados, por exemplo. O material pretende tornar mais próxima da popula o do bairro e da cidade os processos de constru o socioculturais e geográficos, mostrando que o lugar que vemos hoje  , na verdade, o acúmulo de diversas a es ao longo do tempo, construindo formas e rugosidades na paisagem como afirmava o geógrafo Milton Santos.

Palavras-chave: Divulga o Científica, Geografia, Freguesia de Jacarepaguá.

FRANCA, Lúcio Brandão. *Geografando no bairro Freguesia de Jacarepaguá: O espaço geográfico como ferramenta de divulgação científica*. ___ p. Trabalho de Conclusão de Curso. Programa de Pós-Graduação *Latu Sensu*, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Mesquita, Mesquita, RJ, 2017

ABSTRACT

In this study we propose a written script for the visitation of the neighborhood of Freguesia (Parish) where the visitor will have contact with historical and geographical information regarding the neighborhood. The parishes were political-religious-administrative forms of space control in captaincies. The first parish of the captaincy of Rio de Janeiro was that of Candelária (1634), the second parish was Irajá (1644) and the third was Jacarepaguá (1661), reaching, in 1873, the total of twenty-one parishes. This was the starting point for the elaboration of the written script, which will be called "Geografando no bairro: Parish of Jacarepaguá", and which aims to facilitate the exploration of the place in an independent way, and to observe and interact with the environment. In addition to the spontaneous public that aims to know the historical-geographical aspect of the neighborhood of the parish of Jacarepaguá, this material can also be used in formal education, through adaptations by the teacher and the students. Through fieldwork and bibliographical analysis, we will define the points of greatest cultural, historical and geographical representation of the neighborhood. Once this is done, we will produce the trail suggestion to be followed by the public, the related maps, and more detailed information of each point will be searched to integrate the material. We will also look for technologies that can overcome the limitations of printed material, such as Qr Codes linked to YouTube videos or songs related to the themes presented. The material intends to make the population relate to the neighborhood and the city socio-cultural and geographical developing processes, showing the places we see today are in fact the accumulation of several actions over time, building shapes and rugosidades in the landscape as claimed by the geographer Milton Santos.

Keywords: Scientific Dissemination, Geography, Freguesia de Jacarepaguá.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 OBJETIVOS.....	11
2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
3 GEOGRAFIA E ENSINO – BREVE PANORAMA DA HISTÓRIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL E SUA SITUAÇÃO CONTEMPORÂNEA	12
4 A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO ESPAÇO GEOGRÁFICO – O MEIO E A CONSTRUÇÃO DA IDEIA ESPACIAL.....	18
5 PÉ DE MOLEQUE E O PÉ NA FREGUESIA DE JACAREPAGUÁ – AS FREGUESIAS DO RIO DE JANEIRO, A IMPORTÂNCIA DA DE JACAREPAGUÁ E O QUE ELA ORIGINOU. 22	
5.1 HISTÓRIA DAS FREGUESIAS.....	26
5.2 FREGUESIA DE N.S. DO LORETO E SANTO ANTÔNIO – FREGUESIA DE JACAREPAGUÁ – A ORIGEM DO BAIRRO E SUA CONCEPÇÃO ATUAL.	28
6 GEOGRAFANDO NO BAIRRO FREGUESIA DE JACAREPAGUÁ – UM LIVRETO ROTERIZADO PARA DIVULGAR A CIÊNCIA HISTÓRICO GEOGRÁFICA.....	31
6.1 ELABORAÇÃO DO ROTEIRO – PONTOS DE INTERESSE, A SELEÇÃO DOS LOCAIS PARA COMPOSIÇÃO DO ROTEIRO	31
6.2 CONSTRUINDO UM ROTEIRO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO	33
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
8 BIBLIOGRAFIA.....	37
9 APÊNDICE	39

1 INTRODUÇÃO

Ao ingressar na graduação em Geografia, entre todas as novidades e descobertas oriundas do processo de formação na ciência que me é cara, estava muito motivado em passar para outras pessoas aquilo que vinha aprendendo, mas ainda imaginava que isso seria possível apenas por meios tradicionais de educação formal. Durante a graduação, comecei a realizar projetos de divulgação científica, sem ter a consciência que aquilo era divulgação científica.

Através da elaboração e aplicação do projeto Pé de Moleque Roteiros, que realiza roteiros histórico geográficos gratuitos pela cidade do Rio de Janeiro, começamos a levar ao público os conhecimentos acadêmicos e populares sobre os bairros da cidade, permitindo assim, a vivência empírica e a construção do conhecimento científico, tendo como ponto de partida o espaço geográfico.

O espaço geográfico é o espaço das relações socioculturais e o meio. A sequência de acontecimentos forma a história de cada lugar, englobando cultura, sociedade e demais fatores formadores espaciais; logo, entende-se que é a rua um excelente lugar de aprendizado formal e não formal e pode ser utilizado para que a ciência seja vista na prática, e não em conceitos desenvolvidos em linhas de um texto ou livro didático, como nos indica Santos (2010, p. 64): “É no lugar que o aluno vive intensamente os processos sociais, onde se relaciona mais intensamente com as pessoas e até mesmo com o próprio espaço geográfico. Nele, serão construídas relações identitárias e até mesmo de pertencimento”.

Entendendo que o conhecimento do espaço vivido — ou como define a Geografia, o “lugar”, que vem a ser o espaço vivido acrescido das relações afetivas —, torna-se importante que não somente a história macro e os espaços turísticos sejam objetos de análises e pesquisas histórico-geográficas, pois todo espaço apresenta sua importância. É descortinando seus processos históricos e geográficos que se torna possível construir as identidades sociais e a preservação.

A importância dessa pesquisa se dá através da necessidade de preservação da memória histórico-geográfica dos bairros da cidade do Rio de Janeiro, em especial daqueles que estão fora do circuito turístico oficial da cidade. Ainda se faz importante por unir num mesmo projeto a divulgação da ciência geográfica e histórica, tendo a rua e os elementos da paisagem como ferramentas não formais de desenvolvimento do conhecimento científico.

É possível desenvolver divulgação científica geográfica e histórica na rua? Como se dá a construção de um roteiro escrito para espaços urbanos?

Neste trabalho, foi realizada a construção de um roteiro escrito para visita ao bairro da Freguesia de Jacarepaguá, onde o visitante terá contato com informações histórico-

geográficas referentes ao bairro através de uma caminhada de observação e interação com o meio.

Buscaremos, ainda, disponibilizar o material para livre acesso do público, de forma que este tenha a possibilidade de construir relações mais sólidas com o meio onde habita ou visita, entendendo assim os fenômenos sociais, culturais, históricos e geográficos que levaram o bairro da Freguesia a ter as atuais características.

2 OBJETIVOS

Elaborar e desenvolver um roteiro de visitação autoguiada pelos espaços histórico-geográficos do bairro Freguesia de Jacarepaguá.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar os locais para composição do roteiro escrito;
- Elaborar um material que permita ao público a independência na realização de roteiro pela Freguesia de Jacarepaguá;
- Analisar possíveis ferramentas para complementar a apresentação do roteiro;
- Proporcionar ao público aproximação de conceitos geográficos e históricos da microrregião do bairro.

3 GEOGRAFIA E ENSINO – BREVE PANORAMA DA HISTÓRIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL E SUA SITUAÇÃO CONTEMPORÂNEA

A Geografia surgiu em uma área que atualmente pertence à Turquia, mas que na época fazia parte dos domínios gregos, onde vivia Estrabão, nascido no ano 64 a.C. e falecido em 24 d.C. Ele escreveu através de uma primeira análise geográfica dezessete livros sobre a história e descrição dos povos e lugares de todo o mundo conhecido na época, como afirma Moreira (2010).

Estrabão (64 a.C.-24 d.C.), o criador da geografia, dizia de sua criatura que “a geografia familiariza-nos com os ocupantes da terra e dos oceanos, com a vegetação, os frutos e peculiaridades dos vários quadrantes da Terra; e o homem que a cultiva é um homem profundamente interessado no grande problema da vida e da felicidade”. (Ibid., p. 12)

Ainda segundo o autor, a ciência geográfica moderna surgiu apenas no século XIX por meio das Sociedades Geográficas e Universidades. Os diferentes tipos de entidades tinham visões distintas da ciência, o que foi importante para o seu crescimento. A maioria dos posicionamentos acadêmicos deste período acerca da Geografia se deram na Alemanha e na França.

A Geografia, como disciplina escolar no Brasil, teve sua origem na fundação do Colégio Pedro II, em 1837. Apresentava-se como uma disciplina simplesmente descritiva do meio e teve sua principal obra publicada vinte anos antes, a “Corografia Brasílica”, de autoria do Padre Manoel Aires de Casal, como afirmam Souza e Pezzato (2010, p.6).

Observava-se uma Geografia que descrevia detalhadamente o meio, mas não construía ali uma análise. Esse panorama vai começar a ser modificado a partir da segunda metade do século XIX, ao ser introduzido no país o método criado por Johann Heinrich Pestalozzi denominado “lição das coisas”. De acordo com Zanatta (2005, p.171), este método busca estimular a curiosidade do educando, o levando do concreto ao abstrato e objetivando manter o interesse do aluno na descoberta.

Os sentidos deveriam entrar em contato direto com os objetos, depois o conteúdo do objeto observado se expressaria em palavras, permitindo a atividade mental. Esse entendimento tem como pressuposto o fato de Pestalozzi conceber a experiência sensorial como um processo ativo. (ZANATTA 2005, p.170)

Ainda como afirma a autora, através do método que busca a observação do concreto como ponto inicial para o entendimento do abstrato, Pestalozzi propõe o contato com o meio, à natureza como condição fundamental para o estudo. Dessa forma, a visão da Geografia

começa a ser ampliada através do contato do educando com mapas, gráficos, aulas de campo e afins.

Deve-se a Pestalozzi a primeira tentativa de estabelecer o ensino da geografia com base na intuição. Até então o estudo dessa matéria limitava-se a definições memorizadas, exercícios nos globos e cartas, a um mero jogo de palavras e símbolos. Ele inaugurou o ensino da geografia local, estabelecendo como ponto de partida o pequeno mundo da criança para o estudo dos fenômenos geográficos por círculos concêntricos em que primeiro se apresentava ao aluno o “próximo” ou concreto, para em seguida tratar de áreas distantes. Essas idéias também foram postuladas por Rousseau. (ZANATTA 2005, p.172)

Como já apresentado, essa mudança na visão do ensino de Geografia só ocorreu após a segunda metade do século XX. Até então, a disciplina se apresentava de maneira totalmente descritiva e assim também eram seus materiais didáticos, como o primeiro livro de Geografia voltado para a educação que foi publicado em 1905 e recebeu o nome de “Compêndio de Geografia Elementar”, de autoria do Professor Manoel Said Ali. Segundo Vlach (2013), “representou o marco inicial de discussões de ordem teórico-metodológica, buscando inaugurar a geografia científica no Brasil”. A publicação foi ainda pioneira ao dividir o Brasil em regiões organizadas por suas semelhanças, provavelmente por influência das ideias do geógrafo francês Vidal de La Blache, como afirmam Souza e Pezzato (2010).

Ainda no início do século XX surgiu um novo nome da Geografia educacional brasileira: Delgado de Carvalho. Como afirma Vlach (2013), ele defendia uma Geografia moderna que, através do ensino da matéria na educação básica, principal período na construção da cidadania, seria possível formar uma identidade nacional. Delgado de Carvalho foi diretor do Colégio Pedro II, participou de diversas instituições de ensino básico e superior, fez parte da diretoria do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e ao longo de sua vida escreveu diversos livros sobre a Geografia.

A Geografia Moderna/Científica, em evidência na Alemanha e na França, ‘caracterizada por seu conteúdo explicativo, diferente do caráter descritivo da Geografia Tradicional’ foi, aos poucos, sendo incorporada ao ensino, por meio de seus próprios agentes, os professores, como é o caso de Delgado de Carvalho, reconhecido por muitos autores da atualidade, como um dos precursores da Geografia Moderna brasileira (MELO; VLACH; SAMPAIO, 2006)

O primeiro curso superior em Geografia do país só surgiu em 1934 na Faculdade de Filosofia, Ciências, História e Letras (FFCHL) – USP. Até então, os geógrafos adquiriam seus conhecimentos por bases internacionais e por meio de outras ciências. Souza e Pezzato (2010, p.12) afirmam que foi necessária a vinda de docentes da França para lecionar no curso e que trouxeram consigo a escola geográfica francesa, com influências diretas de Vidal de La

Blache¹. Isso influenciou diretamente o ensino escolar da Geografia, pois este foi o ponto de partida para a formação de professores diretamente formados por tal ciência. Afirma Melo (2006, p. 2687) que, na mesma década, surgiram faculdades de História e Geografia nas cidades do Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Salvador. E através do surgimento destas instituições, “as contribuições para o campo teórico-metodológico passam cada vez mais pela academia” (Ibid., p. 2687).

Os cursos de licenciatura formavam mão de obra para as instituições de ensino, mas os licenciados “foram os primeiros participantes dos trabalhos de campo regionais, o que gerou valiosas monografias sobre o território nacional” (Ibid., p. 2686). Este é mais um fator que corrobora para a ideia de que a Geografia precisa dessa relação com o campo, com o meio na construção e constatação de suas bases e descobertas.

Ainda na década de 1930 é realizada a introdução da disciplina de Estudos Sociais no então segundo grau, tendo como base o modelo norte-americano. Nesse momento, a Geografia e a História se mantinham no currículo, mas os Estudos Sociais tinham como objetivo central “formar o cidadão nacionalista e patriótico, portanto, o cidadão adaptado ao meio” como afirma Oliveira (2007, p.21).

A disciplina de Estudos Sociais só se apresentou em países que mantinham relações próximas com os Estados Unidos da América e:

[...] no Brasil, essa disciplina adquiriu o status de obrigatória após acordos com os EUA, dos quais decorreu o Programa Aliança para o Progresso, contendo metas para a organização do currículo da escola brasileira e para docentes que viabilizassem esse novo currículo” (BAHIA, 1994, p. 112 apud OLIVEIRA, 2007, p.22)

Em 1971, durante o período da ditadura militar, é instituída a união das disciplinas de Geografia, História e a Organização Social e Política do Brasil, sob a denominação de Estudos Sociais no segundo e primeiro graus, respectivamente. A disciplina que teoricamente iria integrar tais áreas do conhecimento de forma multidisciplinar contextualizada para favorecer ao conhecimento do educando, na verdade era principalmente uma estratégia de dominação do estado, como afirma a autora ao dizer que

a disciplina Estudos Sociais se distanciou das ciências sociais e configurou-se como um conjunto de saberes que o Estado autoritário utilizava para formar pessoas ajustadas ao meio social e político, capazes de controlar os

¹ “O modelo geográfico de Vidal de La Blache constituiu-se por oposição à escola geográfica alemã que se constituía em torno de Ratzel. Enquanto este era francamente determinista, atribuindo uma influência quase linear do meio sobre o destino humano, Vidal de La Blache trabalhava mais propriamente com a ideia de um “possibilismo geográfico”. Isto significa que, ainda que colocando o meio geográfico no centro da análise da vida humana, Vidal de La Blache buscava enfatizar as diversas possibilidades de respostas que podiam ser colocadas pelos seres humanos diante dos desafios do meio. Para além disto, tinha-se aqui uma geografia cujas noções essenciais eram constituídas a partir dos conceitos da Biologia. A moldura na qual se enquadrava a vida humana não era tanto a Terra como teatro de operações no qual intervinham os diversos fatores físicos como o clima e a base geológica, e sim a Terra enquanto matéria viva, coberta de vegetação e variedade animal, formadora de ambientes ecológicos e de possibilidades vitais.” (BARROS 2006, p.465)

instintos, de se ajustarem à família, à sociedade e, sobretudo, aos princípios e valores do Estado brasileiro (sob a vigência de uma ditadura militar). Essa mudança gerou o esvaziamento dos conteúdos de História e Geografia e conferiu aos Estudos Sociais um contorno ideológico de ufanismo nacionalista com o fim de justificar o projeto nacional organizado no País.” (OLIVEIRA, 2007, p.26)

Junto a implementação dos Estudos Sociais no ensino básico surgiram as “licenciaturas rápidas” de vinte quatro meses, com o objetivo de formar professores na perspectiva polivalente, aptos a lecionar nas disciplinas de Geografia e História nas instituições públicas e privadas — que, segundo o governo da época, eram necessárias para atender a demanda. No entanto, segundo Oliveira (2007, p. 26), a formação no âmbito das “licenciaturas rápidas” acabou afastando a universidade da escola, tendo em vista que os profissionais desconheciam a importância do saber acadêmico e trabalhavam em favor de saberes puramente escolares.

Ao definir como necessária a formação do professor "polivalente" a política educacional subordinou a uma suposta necessidade de formação mais rápida toda a estrutura do ensino universitário no que diz respeito à licenciatura, consolidando uma tendência perigosamente ambígua: a de que a formação do professor deve ser reduzida em relação à do pesquisador ou do bacharel. (FENELON, 1985, p.96)

Tínhamos, portanto, uma disciplina superficial e desfocada das intenções das ciências que lhe compunham, lecionada por profissionais desconectados da academia, sob a égide de um estado autoritário e que utilizava os bancos escolares para se perpetuar e doutrinar a população, estando este último diretamente influenciado pelos Estados Unidos da América — que nesse período já liderava o cenário capitalista e lutava contra a expansão do socialismo, ao mesmo tempo “que paradoxalmente, sustentavam as ditaduras militares, como a deflagrada no Brasil (1964), impondo suas lógicas e racionalidades político-ideológicas, econômicas e educacionais, entre outras” (OLIVEIRA, 2007, p.28).

Somente a partir da década de 1980, com o declínio da ditadura militar e as intensas mobilizações por parte dos movimentos sociais, é que os conhecimentos escolares voltaram a ser discutidos assim como as suas reformas, como aponta Oliveira: “aos poucos, a disciplina Geografia foi sendo reconduzida aos currículos do ensino do 2º grau e do 1º grau (nesta ordem)” (op. cit). As reformas vão apresentar uma Geografia que não é mais simplesmente descritiva, mas que relaciona o meio a sociedade e busca construir uma visão crítica e cidadã que permita analisar a organização espacial em todas as suas escalas.

Por mais que já se tenham passadas algumas décadas desde o regresso da Geografia e da História aos currículos escolares, ainda hoje é possível observar sequelas de tal acontecimento, como ressalta Melo (2006, p.2688) ao lembrar os “professores com dificuldades de identificar a diferença entre as duas ciências. Muitos deles nem acreditam que elas sejam diferentes”. A autora ainda aponta para a dependência desses profissionais com

relação ao livro didático, fator que era comum nos Estudos Sociais, principalmente pela rigidez dos conteúdos e falta de domínio dos temas por parte dos educadores.

Consequentemente à problemática da formação, muitos destes professores se apegaram ao Livro Didático como uma boia salva-vidas. O Livro didático, assim como no início do século XIX, ainda era (é) o maior referencial do professor que se sente inseguro em relação ao seu conteúdo disciplinar. (MELO 2006, p.2688)

Fatores como o problema na formação do docente, a extinção do ensino de Geografia no ensino básico e o material didático focado na memorização (e não na construção do conhecimento), distanciaram a ciência do grande público – que por vezes, teve sua relevância questionada – e obrigou que esta buscasse apresentar sua importância dentro e fora do ambiente escolar. Em fevereiro de 2017, a medida provisória MP 746/2016 tornou-se um Projeto de Lei de número 13.415 que trata da reforma do ensino médio. A proposta aprovada na Câmara e no Senado foi sancionada pelo presidente da república Michel Temer em dezesseis de fevereiro de dois mil e dezessete e apresenta um caráter vertical, político e econômico, sem uma real preocupação pedagógica.

Partimos do pressuposto de que essa “reforma” imprime, sem reservas ou busca de consenso, a insanável contradição ético-política do pensamento e da moral capitalista do tipo dependente: perversamente autoritário. Imbuída do caráter ideológico instrumental, esta é conduzida como processo natural de modernização(...) ou seja, a história de luta voltada para a supressão do dualismo estrutural do Ensino Médio foi rasgada. (MOTTA; FRIGOTTO 2017, p.357)

Entre as diversas medidas presentes, a reforma visa flexibilizar o currículo do ensino médio por áreas de conhecimento de acordo com as aptidões dos alunos e das unidades escolares. Dessa maneira, o aluno terá metade do período do ensino médio regular (três semestres) e a outra metade ele se dedicará a uma área do conhecimento entre linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas e formação técnica-profissional de acordo com a sua escolha.

O argumento utilizado pelos defensores do projeto para a sua urgência é que ele destravar as barreiras que impedem o desenvolvimento da economia ao formar mão de obra qualificada e profissionalizada para o mercado de trabalho, como afirmam os autores supracitados. Porém, “a tese de “alcançar o pleno desenvolvimento” investindo em “capacidade tecnológica” e na formação da força de trabalho com maior qualificação contradiz a longa história de baixo investimento na educação brasileira” (op. cit., p.59). Sendo assim, a recuperação econômica não parece estar alicerçada no desenvolvimento tecnológico e mão de obra qualificada, visto os baixos investimentos em educação e no setor de ciência e tecnologia. Sendo ainda importante ressaltar que esta mão de obra teoricamente qualificada

depende de postos de empregos disponíveis para se colocarem, porém, o cenário atual apresenta um dos maiores índices de desemprego dos últimos tempos.

Em meio a tais reformas, uma das mudanças é que apenas os alunos que escolherem a área de conhecimento das ciências humanas terão as disciplinas de Geografia e História na segunda metade do ensino médio, sendo tais ciências retiradas, por hora, em partes do currículo escolar.

Cabe no momento fazermos a reflexão quanto à importância de tais ciências, não somente para os alunos tendidos às ciências humanas, mas a todo ser antes, durante e depois de seu processo formativo, seja ele das linguagens, matemática, formação técnica-profissional ou qualquer outra. Entender o meio em que vivemos e os processos históricos que constituíram e constituem nossa sociedade é vital e a sua ausência pode gerar mazelas de longo prazo como as que observamos durante o período militar e os Estudos Sociais. Dessa forma, é preciso divulgar a ciência Geográfica e Histórica e suas descobertas, não somente em âmbito global, como também no local.

4 A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO ESPAÇO GEOGRÁFICO – O MEIO E A CONSTRUÇÃO DA IDEIA ESPACIAL

A Geografia vem buscando seu espaço inclusive no Brasil, como vimos anteriormente. Porém, a Geografia que chega até o grande público é a escolar, presente nos currículos do ensino fundamental e médio e que, como já dito, se distanciou da ciência por diversas vezes, principalmente motivada por fatores externos. Torna-se, portanto, importante divulgar a ciência geográfica ao grande público, encontrando meios que possam ir além do caráter formal de ensino.

Malavoy (2005) afirma que a divulgação científica não é ensinar e nem “mitificar a ciência”, mas sim, despertar o espírito crítico do público, ofertando uma linguagem que provoque a curiosidade e o interesse de descoberta.

O que chamamos de divulgação científica é o reflexo de um modo de produção de conhecimento restringido e, conseqüentemente da constituição de um efeito-leitor específico relacionado à institucionalização, profissionalização e legitimação da ciência moderna, e que opõe produtores e usuários/consumidores e, cria a figura do divulgador, que viria, imaginariamente, restabelecer a cisão, e minimizar a tensão instaurada ao longo da história no tecido social da modernidade. Essa cisão não é mantida sem tensão, sem a (re)produção tensa de um imaginário que a mantém. É nesse imaginário que trabalha a divulgação científica. (SILVA 2006, p.57)

O autor ainda salienta para o fato de que a divulgação científica não é apenas do cientista para o público leigo, mas também entre cientistas, uma vez que atualmente a ciência é muito ampla, fazendo com que todos sejam leigos sobre determinados pontos.

Os autores Cavalcanti e Persechini (2011) dizem que muitas vezes as ações de divulgação científica visam a melhoria do sistema educacional ou de saúde pública, a necessidade da comunidade científica de receber apoio popular e do poder público em busca da aprovação de leis e afins.

No entanto, contrariando essa tendência mais pragmática ou utilitária da divulgação científica, a principal motivação para a criação de inúmeros museus de Ciência no mundo durante as últimas décadas está situada num campo mais romântico e diletante, voltada para “tornar a Ciência mais próxima do cidadão comum, desmistificar a Ciência”, possibilitar o “gozo intelectual” da descoberta (Wagensberg, 2007), pura celebração de uma das mais sofisticadas obras humanas: a cultura científica e as conquistas tecnológicas.” (op. cit, p.02)

E a divulgação científica no Brasil não é algo recente, tendo aproximadamente dois séculos de existência, como afirmam Moreira e Massarani (2005). Segundos os autores, durante o período colonial, o investimento em ciência era quase nulo, ocorrendo principalmente em geografia, cartografia e mineração, focando-se principalmente em

processos militares e de lucro extrativista. Já em 1772, o marquês de Lavradio deu início a Academia Científica do Rio de Janeiro, que em 1779 fechou as portas por falta de quórum.

No final do século XVIII e início do século XIX, muitos dos brasileiros que haviam ido para Portugal, França, Bélgica e Escócia freqüentar cursos superiores começaram a retornar ao país e contribuíram para uma difusão lenta das novas concepções científicas. (MOREIRA; MASSARANI, 2005, p.44)

Foi no início do século XIX, com a chegada da corte portuguesa que as ações científicas começaram a ganhar força no país. É importante ressaltar a criação de instituições ligadas a ciência e a divulgação científica como a Academia Real Militar (1810), o Museu Nacional (1818), a Imprensa Régia (1810) e os diversos jornais que começaram a circular neste período.

Na segunda metade do século XIX, o movimento científico se intensificou no mundo devido a segunda revolução industrial que ocorria na Europa. “O interesse do imperador d. Pedro II pela ciência também favoreceu algumas atividades ligadas à difusão dos conhecimentos.” (MOREIRA; MASSARANI, 2005, p. 46), fator importante já que o Brasil apresentava poucas instituições de ensino superior, as pesquisas eram poucas e em sua maioria feitas por estrangeiros e ainda éramos um dos poucos países do mundo que ainda adotavam o regime escravocrata.

No início do século XX, o Brasil ainda não tinha uma tradição de pesquisa científica consolidada. É marcante, no entanto, o crescimento das atividades de divulgação científica no Rio de Janeiro dos anos 20. Ele está ligado ao surgimento de um pequeno grupo de pessoas – entre as quais Manoel Amoroso Costa, Henrique Morize, os irmãos Osório de Almeida, Juliano Moreira, Edgard Roquette-Pinto e Teodoro Ramos –, que participaram intensamente de várias atividades que buscaram traçar um caminho para a pesquisa básica e para a difusão mais ampla da ciência no Brasil. Eles são professores, cientistas, engenheiros, médicos e outros profissionais liberais, ligados às principais instituições científicas e educacionais do Rio de Janeiro, que tinham como estratégia o desenvolvimento da pesquisa científica. Formava-se, ali, um embrião da comunidade científica brasileira que, em um movimento organizado, tentava criar condições para a institucionalização da pesquisa no país. (MOREIRA; MASSARANI, 2005, p.52)

Mais para frente, outros movimentos de divulgação foram acontecendo, cabendo aqui o destaque para os eventos conhecidos como “Ciência às 6 e meia”, realizavam conferências em teatros e espaços de acesso público e gratuito com os mais variados temas, objetivando sempre criar uma linguagem que pudesse atingir o grande público.

Outra iniciativa foi o Espaço Ciência Viva (ECV), uma organização não governamental que foi concebida “sob a liderança de Maurice Bazin (1934-2009), físico francês, ex-professor da Universidade da Califórnia em Berkeley e recém-radicado no Brasil, e por aqueles que optavam por um processo mais ativo, voltados para a experimentação” (CAVALCANTI, PERSECHINI 2011, p. 7)

O grupo se organizou ainda no início da década de 1980 para desenvolver eventos interativos em locais públicos.

Contavam com a participação de um grande número de colaboradores voluntários que mobilizavam seus recursos pessoais e equipamentos emprestados, como microscópios e telescópios para promover o “Dia da Célula”, o “Dia da água” e o “Dia do Céu”. A novidade atraiu um público que por vezes atingia mais mil pessoas por evento, o que acabou por chamar a atenção da imprensa que em algumas ocasiões deu destaque às atividades realizadas. (CAVALCANTI, PERSECHINI, 2011, p.7)

Para cativar o público e atrair para o debate, as ferramentas mais variadas eram usadas, como por exemplo, a presença de um ator vestido de Galileu Galilei no meio da praça convidando as pessoas para observarem com os próprios olhos Júpiter e Saturno, e receberam explicações dele sobre astronomia.

Alguns anos depois o grupo passou a ocupar um galpão no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro, onde ainda apresenta suas exposições, tendo datas com temáticas especiais e priorizando a interação do público com os experimentos ali apresentados, como observamos no trecho dos objetivos que diz:

A meta principal da instituição é a divulgação e desmistificação da Ciência, tornando-a acessível ao senso comum, bem como a melhoria da qualidade do ensino da Ciência e da Matemática. Através de experimentos simples, participativos e lúdicos, o Espaço resgata o gosto pela experimentação e descoberta. (CAVALCANTI, PERSECHINI, 2011, p.7)

Ao longo do tempo, as iniciativas de divulgação científica vêm tomando cada vez mais o espaço público. A praça João Luiz do Nascimento, em Mesquita, é palco do “Ciência na Praça”, evento realizado pelo Espaço Ciência Interativa que leva para a praça maquetes, experimentos e oficinas com os mais diversificados temas, como por exemplo, Meio Ambiente, realizado em 2016. A doutora em comunicação social Mariluce Moura criou o projeto denominado “Ciência na Rua”, que pretende criar um tabloide científico com linguagem divertida para ser distribuído gratuitamente nas ruas de São Paulo, além de outras ferramentas como jogos, cartuns, histórias em quadrinhos, podcasts, vídeos e teatro para a diversificação da interação com o público.

As propostas de divulgação científica no Brasil estão se diversificando e ampliando-se, o que Cavalcanti e Persechini (2011) colocam como fundamental para o desenvolvimento nacional e a diminuição da desigualdade social.

Considera-se que o Brasil vive um momento único em sua história em que o tão sonhado desenvolvimento e justiça social finalmente se realizem. Se isso vai acontecer, ainda não sabemos, mas temos certeza de que isso não acontecerá sem uma grande mudança qualitativa e quantitativa no campo da divulgação científica ou para ampliar e tornar mais efetiva a comunicação entre Ciência e sociedade.” (op. cit, p.9)

O objetivo central é, portanto, aproximar o público da ciência que, por vezes, parece tão distante e intocável. Os autores ainda alertam que existem diferenças nos objetivos da divulgação científica de maneira geral para aqueles elaborados em países subdesenvolvidos e em desenvolvimento. Destacam-se entre os objetivos para os países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, “difundir a cultura científica e a importância da ciência”, a “capacitação de professores”, “formação da cidadania”, “suplementação ao deficiente sistema de ensino formal”, “responsabilidade social: retornar ao público o conhecimento e outros benefícios alcançados com financiamento público” e “aproximar o cientista da realidade da população”.

Mesmo com todos os esforços para levar até o público a divulgação científica, a pesquisa “Percepção Pública da C&T 2015”, divulgada pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE, 2015), mostra que boa parte do público brasileiro ainda não apresenta interesse por assuntos ligados à ciência. A pesquisa entrevistou 1962 jovens e adultos em todo o território nacional: 13% não tem interesse no assunto, enquanto 25% mostram-se pouco interessados.

Torna-se preciso estar cada vez mais próximo do público, que não se vê como parte do debate científico, não proporcionado, muitas vezes, no contexto da educação formal. Ocupar o espaço público e transformá-lo em verdadeiras salas de exposição e interação com a ciência, como visto acima, é uma das tentativas de aproximação. Mas podemos considerar ainda o meio como sendo o espaço museal e a paisagem como o experimento a interagir e observar — assim como vimos a proposta de Pestalozzi e a “lição das coisas” no primeiro capítulo, que utiliza o espaço geográfico na construção do conhecimento.

É possível passar inúmeras vezes pelos espaços e não observar o conteúdo científico, histórico, geográfico e cultural que ele apresenta. Portanto, construir o conhecimento sobre o meio que nos cerca é construir o autoconhecimento, descortinando a sociedade em que se está inserido e o meio ambiente com que se interage. Conhecer os tipos de nuvem olhando para o céu, as formações rochosas subindo um morro, falar de poluição à beira de um rio urbano, analisar a desigualdade social observando moradores de rua e entender a ocupação do seu bairro por meio da história de sua formação, é compreender conceitos acadêmicos de maneira informal, impactando diretamente na sociedade — uma vez que o indivíduo é sujeito protagonista do processo de construção social. Como afirmam Cavalcanti e Persechini (2011), “há também um grande abismo entre Ciência e sociedade” e usar o espaço geográfico como divulgação científica é buscar estreitar essa relação.

5 PÉ DE MOLEQUE E O PÉ NA FREGUESIA DE JACAREPAGUÁ – AS FREGUESIAS DO RIO DE JANEIRO, A IMPORTÂNCIA DA DE JACAREPAGUÁ E O QUE ELA ORIGINOU.

Colocar o pé na estrada em busca do conhecimento empírico, como no método pestalozziano da “lição das coisas” que vimos anteriormente, é uma ótima oportunidade de aprendizado, principalmente se essa estrada for de pé de moleque, calçamento utilizado nos primórdios da colonização, cheios de geografias, histórias e memórias. Tal calçamento foi idealizado pelos colonizadores, mas foi construído por mão de obra escrava e teve grande importância na circulação colonial, onde era observado, por exemplo, nas estradas oficiais que ligavam a cidade de Vila Rica, atual Ouro Preto, aos portos do Rio de Janeiro, onde os minerais preciosos eram exportados para a metrópole. Sua importância é reafirmada por Dias (2017) ao dizer que

(...)pés-de-moleque, ou calçada portuguesa, são os antigos calçamentos construídos sobre terra batida com pedras irregulares ou de seixos rolados (pedras redondas de rio). As ruas do Rio de Janeiro eram de terra batida e, com o tempo, foram sendo pavimentadas com pedras, a fim de permitir a circulação em diversas situações climáticas, surgindo o piso de pé-de-moleque. Muitos calçamentos desse tipo foram cobertos por outros mais modernos, sendo hoje raros os que ainda permanecem na cidade, como resquícios esquecidos de uma época. (p. 37)

Esse resgate histórico e a importância de tal informação nos inspirou e deu origem ao projeto homônimo. No ano de 2011, eu, Lúcio Brandão, ingressei no curso de licenciatura em Geografia da Universidade Gama Filho. No segundo semestre de 2011, na disciplina de prática de ensino em Geografia, ministrada pelo Professor Rodrigo Santiago, fomos convidados a realizar a criação de um trabalho de campo pela cidade do Rio de Janeiro. No trio formado estávamos eu e os colegas Luiz Paulo de Araújo e José Carlos Lima e como tema central de nosso trabalho de campo escolhemos o bairro de Botafogo, em especial a favela do Dona Marta. A favela havia sido a primeira a receber uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) em 2008, o que nos motivou a conhecer melhor os desdobramentos dessa implementação e analisar o processo, tão comum na cidade do Rio de Janeiro, de integração entre as favelas e os bairros nobres.

O trabalho foi apresentado ao professor avaliador em campo, transcorreu dentro do estimado e com resultado muito positivo. Utilizamos então do acesso ao Centro Acadêmico de Geografia (CAGEO-UGF) para realizar o trabalho de campo em nova data, convidando os demais alunos do curso. A nova realização do campo teve boa frequência de alunos se considerarmos que ocorreu em um dia de semana, na parte da manhã e em horário de aula. Estavam presentes veteranos, contemporâneos e calouros na atividade; a maioria ficou muito satisfeita com a experiência, inclusive nos solicitando que a ideia não tivesse fim ali, mas que outros campos iguais fossem realizados.



Figura 1: Primeiro Trabalho de Campo, favela do Santa Marta. Fonte: Arquivo Pessoal

Ao final da realização do roteiro, felizes com o resultado positivo obtido através da experiência, pensamos como seria interessante que as pessoas de fora dos muros da universidade tivessem acesso ao conhecimento acadêmico que havia sido organizado de forma leve, na rua e sem a pressão dos dogmas instituídos pela academia. Decidimos criar um projeto que fosse aberto ao público geral e que, através da proposta de diversos roteiros, levasse o público a conhecer um pouco mais das histórias e geografias do Rio de Janeiro, objetivando manter vivas as histórias locais e fortalecendo as raízes culturais.

O projeto ganhou o nome de “Pé de Moleque”, referindo-se ao antigo calçamento, pois a proposta era percorrer as ruas, suas histórias e geografias — é justamente o que este calçamento nos oferece, ruas cheias de conteúdos passados e que nos transportaram até o cenário presente.

Como dois estudantes, sem conhecimento de marketing e com baixíssimo investimento financeiro — que nesse caso era de fundo próprio —, tivemos um início de pouca expressão. Apesar de acreditarmos no projeto e dedicarmos muitas horas à elaboração dos roteiros e divulgação, a frequência era sempre muito baixa, contando com apenas três ou quatro pessoas por roteiro, chegando a dias sem nenhum comparecimento.

Os primeiros roteiros tinham como foco o centro histórico da cidade e a Zona Sul, exigiam um trabalho maior e custo por conta do deslocamento antes, durante e posterior à sua realização. Em 2014, porém, decidimos mudar o foco central dos nossos roteiros. Ambos somos moradores da Baixada de Jacarepaguá, que é a área da Zona Oeste do Rio de Janeiro

compreendida entre o Maciço da Tijuca, o Maciço da Pedra Branca e o Oceano Atlântico, com 160 km² e composta por dezenove bairros, dentre eles o bairro de Jacarepaguá, como discutiremos adiante.

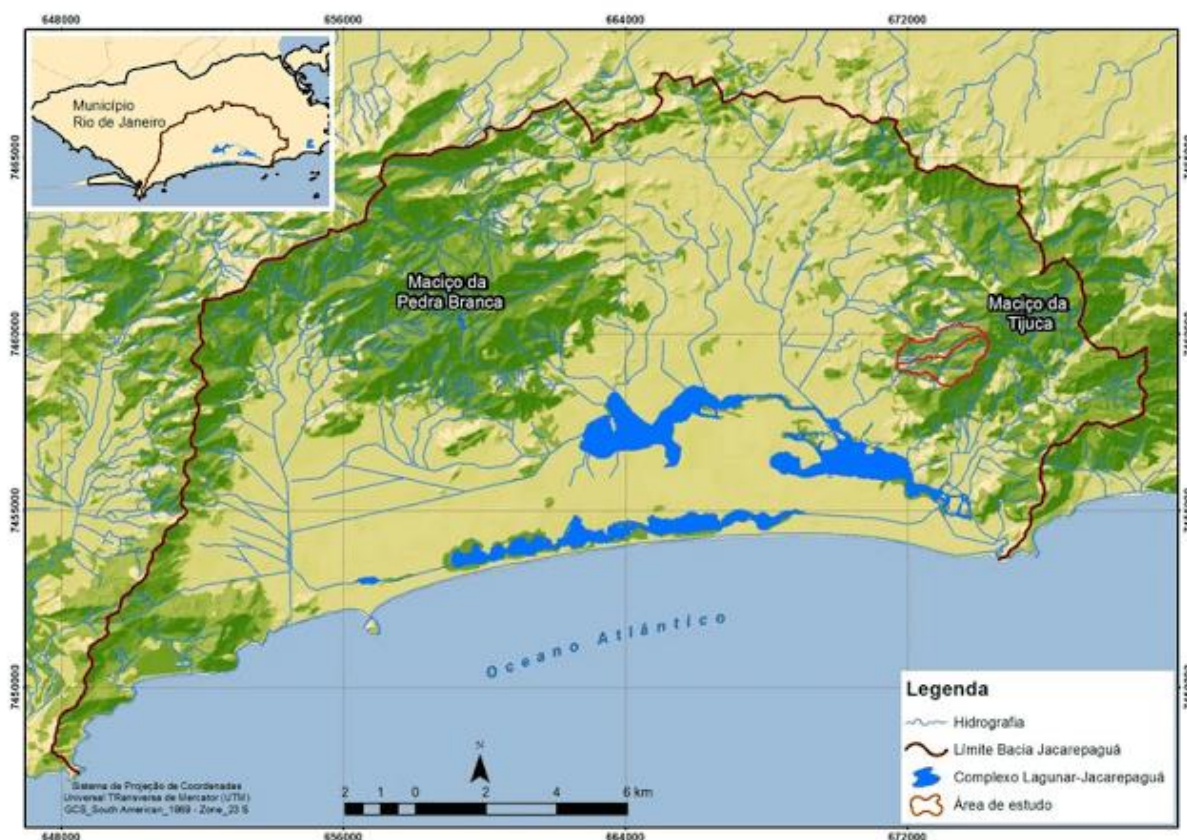


Figura 2: Mapa da Baixada de Jacarepaguá (IHBAJA, 2017)

Essa região é rica em conteúdo histórico e geográfico e encontra-se fora do eixo turístico da cidade, portanto, nos pareceu um desafio interessante expandir o projeto para uma área que nos era cativa, mas tão pouco conhecida pela maior parte da população habitante — inclusive por nós.

Logo no início da nova empreitada tivemos uma matéria veiculada no “Jornal O Globo” em seu caderno “Barra” do dia 10/05/2015 e intitulada “Na trilha de um passado distante”. A publicação deu visibilidade ao projeto na região e para fora dela, atraindo novos públicos e garantindo frequência média de vinte a trinta participantes por roteiro até os dias de hoje.

A visibilidade do projeto nos permitiu expandir a atuação do projeto para além da Baixada de Jacarepaguá, chegando a outros pontos da Zona Oeste, como os bairros de Realengo, Santa Cruz e Bangu; na Zona Norte, em Marechal Hermes e até mesmo para outras cidades, como no roteiro realizado na cidade interiorana de Vassouras. Foi possível ainda conhecer, em meio ao público visitante, pessoas apaixonadas pela historicidade do Rio

de Janeiro e que contam com profundos estudos locais, mesmo estando destacados da academia.



Figura 3: Primeiro roteiro na Baixada de Jacarepaguá - 17/05/2015 (Arquivo Pessoal)

A rede de contatos que se construiu a partir desse momento permitiu que os participantes fosse co-criadores do projeto, sugerindo roteiros, indicando bibliografias, trazendo novos participantes e fazendo a ponte com outros pesquisadores locais, os quais possuam profunda relevância. Áreas pertencentes ao circuito histórico e turístico da cidade contam com extensa bibliografia, e isto, facilita e muito o processo de preparação dos roteiros. Porém, os bairros periféricos são pouco pesquisados e tem a sua importância histórica difundida de forma pálida ou nula. E é por isso que os pesquisadores locais se tornam fundamentais na tentativa de manter vivas essas informações, que sem o devido cuidado, podem ser perder eternamente.

Através do auxílio de participantes dos roteiros, tivemos a oportunidade de conhecer pessoas como Waldemar Costa, jornalista e morador do bairro da Praça Seca e que reuniu materiais impressos e digitais sobre os acontecimentos locais, inclusive sobre o nome das ruas de Jacarepaguá. O escritor Carlos Araújo escreveu o livro “Jacarepaguá de Antigamente” e reúne grande parte das memórias e geografias locais. O jornalista André Mansur escreveu uma série de livros sobre a Zona Oeste e que ainda produz muito material sobre os acontecimentos históricos e culturais que ali se deram. Lembro ainda de um senhor, no qual o nome foi esquecido, e que no roteiro realizado em Bangu levou uma pasta cheia de documentos e fotos. Em cada parada do roteiro ouvia atentamente nossa explanação sem interromper, mas no final nos revelou o rico conteúdo da pasta, nos parabenizou pela fidelidade do discurso apresentado; disse ser filho de trabalhadores da Fábrica de Tecidos

Bangu e há anos se dedica em juntar materiais sobre a história da região, a fim de preservá-la. Essas pessoas são apaixonadas por suas raízes e constroem trabalhos de pesquisa profundos; ter o contato com elas foi o diferencial para a construção dos roteiros nessa nova área.

Quando o projeto se iniciou, ainda não tínhamos conhecimento pleno de outras propostas semelhantes, mas por meio de relatos dos participantes viemos a conhecer alguns dos diversos grupos que realizam roteiros pela cidade do Rio de Janeiro. O primeiro denomina-se “Roteiros Geográficos do Rio”, coordenado pelo Prof. Dr. João Batista de Mello. Realiza roteiros pelo centro histórico há aproximadamente dez anos e é um projeto de extensão do Núcleo de Estudos Sobre Geografia Humanística, Artes e Cidade do Rio de Janeiro (NeghaRIO) do Instituto de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem como objetivo

resgatar o espaço urbano carioca, traduzindo, dessa forma, a cidade como um livro aberto a ser explicado, ampliando, assim, os domínios do conhecimento dos participantes sobre a própria geografia na qual criam, atuam e vivem. (MELLO, 2017)

O segundo projeto que podemos destacar é o “Rolé Carioca”, que surgiu em 2010 e realiza roteiros por diversos bairros da cidade. Em seu site, os organizadores Rainha e Martins afirmam que é “voltado para cariocas e turistas. O projeto tem como principal meta promover passeios guiados por historiadores irreverentes em diversos bairros da cidade”.

Sabemos que existem outros diversos projetos que utilizam a rua e suas marcas como agentes de conhecimento histórico, geográfico e cultural, atendendo a diferentes públicos e com metodologias diversificadas, mas com o objetivo principal único de manter viva para as atuais gerações de cariocas e turistas os processos naturais e antrópicos que formaram a cidade do Rio de Janeiro e que ainda hoje influenciam o modo de vida nela presente.

5.1 HISTÓRIA DAS FREGUESIAS

A cidade do Rio de Janeiro é uma marca viva na história do Brasil e passou por diversos eventos que deixaram suas impressões, como o fato de ter sido sede do governo português a partir de 1808 até a volta da corte para a Europa, ser capital do império e posteriormente da república, entre outros. O espaço urbano da cidade foi se desenvolvendo aos poucos e inicialmente era dividido com

aspecto eclesiástico em diversas freguesias ou paróquias, as quais limitavam os territórios de jurisdição religiosa, em princípio. Depois essas mesmas freguesias passaram a abranger os territórios de jurisdição administrativa. (SANTOS; BERGER, 1965, p.7)

O nome freguesia era uma designação portuguesa para paróquia², que na época exercia a função espiritual e também administrativa. É importante lembrar que neste período a Igreja Católica e a Coroa tinham relações muito próximas e algumas vezes até se confundiam.

Como afirma Fridman (2009, p.96), as capelas eram o primeiro nível na escala de importância e em sua maioria dependiam do terreno disponibilizado pelo sesmeiro da região e das contribuições feitas pelos fiéis. Já quando era elevada a paróquia, era emitido um alvará que determinava os seus limites de atuação e “o governo começava a exercer o padroado sobre elas, mantendo-as com as rendas provenientes dos dízimos da Ordem de Cristo”. Era de interesse da população que as capelas chegassem à paróquia, pois isso garantia o prestígio da localidade, além de ser importante para satisfazer as suas obrigações religiosas e sociais.

Como tais aglomerações, isto é, as freguesias, contendo pelo menos dez casas ou famílias, revelavam um mercado local onde eram exercidas atividades rurais e urbanas, não seria exagerado supor que, acompanhando o ritmo da colonização, concretizassem uma política urbanizadora, ou seja, expressassem uma ordem urbana de base patrimonial e eclesiástica. (FRIDMAN 2009, p.96)

A quantidade de casas e habitantes era justificativa para a constituição de uma freguesia que ali exerceria seu papel religioso, administrativo e social — este último pois era a igreja responsável pelas normas e costumes do povo, além de ser, por vezes, o único acesso ao entretenimento.

A primeira freguesia foi a de São Sebastião, em vinte de fevereiro de 1569. Com o aumento populacional e expansão territorial, houve a necessidade de criação de novas freguesias. Tal dinâmica de expansão populacional foi intensificada em 1808 com a chegada da família Real — é o que afirmam Santos, Carvalho e Sardella (2016). Depois, a expansão se deu rumo ao interior, como é possível analisar:

Neste contexto é que o Rio passa a se consolidar como polo atrativo de pessoas e capital. O ano de 1870 é outro marco para as mudanças na cidade, pois será a partir deste em que a cidade consolidará população na atual Zona Oeste (Freguesias de Santa Cruz, Guaratiba, Campo Grande, entre outras). Para esse processo efetivo de interiorização o bonde e o trem foram fundamentais. (SANTOS, CARVALHO e SARDELLA 2016)

² A palavra paróquia vem do grego parochos (aquele que fornece as coisas necessárias) ou paroikia (vizinhança; para, perto e oikos, casa). Trata-se de uma circunscrição eclesial em que se divide a diocese, palavra igualmente de origem grega e utilizada no Império romano, que tem o sentido de governo. (FRIDMAN, 2009:95)

Freguesias da Cidade do Rio de Janeiro em 1900



Figura 4: As freguesias da cidade do Rio de Janeiro em 1900 (SANTOS; CARVALHO; SARDELLA, 2016)

Ao todo foram criadas vinte e uma freguesias: Candelária (1634), Irajá (1644), Jacarepaguá (1661), Campo Grande (1673), Ilha do Governador (1710), Inhaúma (1749), São José (1751), Santa Rita (1751), Guaratiba (1755), Engenho Velho (1762), Ilha de Paquetá (1769), Lagoa (1809), Santana (1814), Sacramento (1826) que substituiu a de São Sebastião, Santa Cruz (1833), Glória (1834), Santo Antônio (1854), São Cristóvão (1856), Espírito Santo (1865), Engenho Novo (1873) e Gávea (1873).

A partir de 1892 as freguesias receberam o nome de distritos; nos anos que se seguiram, foram recebendo novas configurações territoriais através de diversos decretos.

5.2 FREGUESIA DE N.S. DO LORETO E SANTO ANTÔNIO – FREGUESIA DE JACAREPAGUÁ – A ORIGEM DO BAIRRO E SUA CONCEPÇÃO ATUAL.

A baixada de Jacarepaguá está compreendida entre os Maciços da Tijuca, Pedra Branca e o Oceano Atlântico. Seu nome é de origem Tupi-Guarani e significa Yacaré (jacaré), Upá (lagoa) e Guá (baixa), ou seja, lagoa rasa dos jacarés. Tais jacarés, da espécie papo-amarelo, ainda hoje são encontrados nos corpos hídricos da região. No passado, a formação

da Freguesia de Jacarepaguá foi a primeira organização político-administrativa-religiosa de grande intervenção nesse território.

A Freguesia de Nossa Senhora do Loreto e Santo Antônio foi a quarta do Rio de Janeiro, criada em seis de março de 1661. Antes, a área que ele ocupava pertencia à Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá. Segundo Araújo (1995:74), nesta área haviam muitos fiéis e era difícil para os padres saírem da Freguesia de Irajá até a atual região de Jacarepaguá devido ao longo e cansativo percurso feito de charrete por estradas de terra, o que atrapalhava o “consolo espiritual” (op. cit).

Mesmo tendo sido criada em 1661, a construção foi iniciada em 1664 e as atividades tiveram início em 1665. A paróquia não ficava no local atual, mas em terras próximas. Com a construção da nova igreja mudou-se o local de sua instalação, sendo ela erguida na ladeira da Pedra do Galo, em localidade que hoje recebe o nome de Ladeira da Freguesia.

A nova é do século XVIII - entre 1728 e 1742. Sofreu várias reformas desde sua edificação, tendo a última, em 1936 – já no século XX – modificado consideravelmente sua aparência. Ergueu-se a segunda torre, à direita de quem entra, que não é do risco original. (ARAÚJO 1995, p.74)

A igreja apresenta grande movimentação principalmente por ser N. S. do Loreto a padroeira dos pilotos civis e militares; durante décadas, na frente da igreja ficava exposta a réplica de uma aeronave.

A Freguesia de Jacarepaguá consolidou-se como um importante núcleo populacional desde a sua criação e tal marca está presente nos dias atuais. Durante muitos anos ela era o principal polo de acesso a serviços e comércio de Jacarepaguá e entorno. Boa parte dessa importância se solidificou durante o período em que o principal transporte público eram os bondes. Como afirma Letiere (2017), na localidade conhecida como “Porta D’Água”, hoje Largo da Freguesia, ficava o ponto final dos bondes vindos do bairro de Cascadura e que faziam a integração com o serviço de Trens Urbanos, gerando grande movimentação populacional a “um dos pontos geradores do desenvolvimento da região” (op. cit – 66).

O bairro foi oficializado, denominado e delimitado pelo Decreto N° 3158, de 23 de julho de 1981, sofrendo alterações no Decreto N° 5280, de 23 de agosto de 1985. Segundo dados do Instituto Pereira Passos (IPP) disponibilizados em seu site, o bairro contava com uma área territorial total de 1.039,61 Km² e 70.511 habitantes em 2010.

A Prefeitura do Rio de Janeiro adota o Índice de Desenvolvimento Social (IDS) para avaliar a qualidade de vida dos habitantes dos bairros cariocas; a Freguesia de Jacarepaguá ocupa o trigésimo nono lugar de um total de cento e cinquenta e oito bairros, apresentando um índice de 0,651 em uma escala que vai de zero a um e que tem como critério avaliativo as redes de água e esgoto adequadas, coleta de lixo, banheiros por morador, escolaridade, analfabetismo e renda (CAVALLIERI; LOPES, 2008).

Interessante dado apresentado ainda pelo site do Instituto Pereira Passos (IPP) é que, apesar da importância econômica e social do bairro e ser um dos maiores IDS's da região, este não conta com nenhum equipamento público de Ciência e Tecnologia ou Esporte e Lazer.



Figura 5: Imagem de satélite do Bairro da Freguesia e os bairros vizinhos (Portal Geo Rio - Adaptado)

O bairro faz parte da Área de Planejamento 4.1 da Prefeitura Municipal e é ladeado pelos bairros de Jacarepaguá, Água Santa, Piedade, Quintino, Tanque, Pechincha, Cidade de Deus, Gardênia Azul e Anil.

6 GEOGRAFANDO NO BAIRRO FREGUESIA DE JACAREPAGUÁ – UM LIVRETO ROTERIZADO PARA DIVULGAR A CIÊNCIA HISTÓRICO GEOGRÁFICA

6.1 ELABORAÇÃO DO ROTEIRO – PONTOS DE INTERESSE, A SELEÇÃO DOS LOCAIS PARA COMPOSIÇÃO DO ROTEIRO

A elaboração do roteiro se iniciou pela seleção dos pontos de interesse. O bairro da Freguesia de Jacarepaguá é grande e conta com a possibilidade de diversos roteiros com temáticas distintas; então, era necessário filtrar os pontos que tinham maior relevância para esta proposta.

Por sua importância histórica e seu apelo paisagístico para a análise geográfica, foi decidido que o ponto final do roteiro seria na Igreja da Penna, no alto da Pedra do Galo. A partir daí, era importante encontrar pontos que se relacionassem, construindo a história local e que acima de tudo pudessem ser feitos a pé, como objetiva o roteiro.

Começamos realizando a pesquisa de campo, buscando observar tudo que pudesse ter passado de forma despercebida em outras visitas. Através de pesquisa bibliográfica, constatamos a relevância geográfica da Porta D'Água; o fato de ali ter sido um dos pontos centrais de colonização e o ponto final dos bondes que, no passado, faziam a ligação com a estrada de ferro e foram responsáveis por intenso fluxo demográfico local. Sua localização no sopé da Pedra do Galo garantia a proximidade para chegar até a Igreja da Penna em uma caminhada de aproximadamente quatro horas, como era desejado. Tínhamos então a definição do ponto de partida, Porta D'água, e o ponto final, Igreja de N.S. da Penna. Precisávamos agora construir os outros pontos que faziam a ligação. É importante lembrar que em um roteiro urbano torna-se difícil construir uma linha do tempo sequencial, uma vez que o espaço geográfico é resultado da interação humana com o meio ao longo do acúmulo de diversos tempos, tornando natural o avançar e retroceder temporal em seu desenvolvimento.

O próximo passo era realizar levantamento sobre os nomes dos locais que naturalmente circulamos sem, na maioria das vezes, questionar. O nome da praça, das ruas do entorno e seus significados foram levantados. Nem sempre é uma tarefa fácil saber os motivos que levaram ao uso de tal nome no batismo de um arruamento ou o que ele significa. No caso de Jacarepaguá, é possível contar com os livros e portal da internet produzidos pelo jornalista Waldemar Costa, que construiu rico acervo ao longo dos anos sobre a história local e o significado dos arruamentos. No início do roteiro identificamos quatro pontos de interesse: a Porta D'água, o busto do prefeito Henrique Dodsworth — que muitos acreditam ser o que dá o nome à praça —, o cachorro quente da Tia — e aqui não objetivamos fazer a propaganda de um ponto comercial, mas não podemos furtar o fato do ponto ser um referencial cultural dos moradores e visitantes do bairro — e a casa da professora Julia Camisão, que efetivamente cede o nome a praça.

Seguindo em direção ao ponto delimitado como final para o roteiro, encontramos a Igreja de N. S. Loreto, que além de histórica e altamente relevante, é a matriz da Freguesia de Jacarepaguá, responsável pelo bairro em períodos remotos. Tomando caminho pela ladeira que leva ao topo do morro, foi possível observar o calçamento pé-de-moleque, que dá nome ao projeto, mas que acima de tudo foi de fundamental importância no Brasil Colônia e é pouco encontrado atualmente, fazendo com que esse também se tornasse um ponto de interesse e curiosidade. Apesar de ser possível chegar até o topo seguindo pelo caminho dos pés-de-moleque, preferimos utilizar o plano inclinado inaugurado em agosto de 2014. Sobre a primeira estação, José Roiz de Aragão, não foi possível encontrar maiores informações no local ou em levantamento bibliográfico, mas observou-se um afloramento rochoso aberto para a construção da estação e este se tornou um ponto devido a sua possibilidade de abordagem geológica.

Ao chegarmos à estação Provedora Lygia Moreira Alves de Brito, também não conseguimos maiores informações sobre a personagem que nomeia esta, mas já estávamos no complexo da Igreja da Penna que conta com diversos mirantes e atrativos. O Mirante da Gruta oferece uma visão quase completa da baixada de Jacarepaguá, a formação do maciço da Tijuca e do maciço da Pedra Branca, além de toda a baixada que se estende entre eles, tornando-se assim, mais um ponto de interesse fundamental ao roteiro.

O relógio solar encontra-se no pátio da igreja e possivelmente é contemporâneo a esta; uma tecnologia que causa muita curiosidade por seu funcionamento e precisão e que possibilita falar dos movimentos da Terra e os princípios que o tangem. Finalmente temos a Igreja de Nossa Senhora da Penna com a sua arquitetura simples e imponente, dona de uma mística popular muito difundida na região, tornando-se o último ponto de parada.

Após a definição dos pontos de parada, iniciou-se o levantamento bibliográfico sobre cada um deles. Diferente dos famosos pontos do circuito turístico da cidade do Rio de Janeiro, a região da Freguesia de Jacarepaguá não conta com fácil acesso no tocante a suas informações histórico-geográficas, tornando o embasamento teórico difícil e sendo feito por meio de sites locais e livros de pesquisadores amadores, como no caso do livro *Jacarepaguá de Antigamente*, de Carlos Araújo, que traz um apanhado minucioso de toda a história da baixada. A utilização da versão digital mais recente do livro só foi possível por meio do contato direto com o autor, morador da Freguesia, uma vez que sua última edição impressa saiu em 1995 e não é facilmente encontrada atualmente. Com os pontos delimitados e devidamente estudados, passamos ao processo de seleção dos conteúdos principais de cada ponto. Para um roteiro a pé, não se tinha a pretensão de aprofundar todas as temáticas, mas sim, torná-las leves e divertidas, de forma a atrair e instigar o participante. Após esta etapa, era hora de transformar e experiência e o conteúdo dos roteiros realizados presencialmente em um roteiro escrito.

6.2 CONSTRUINDO UM ROTEIRO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO

Transformar o roteiro guiado em um roteiro escrito foi um desafio, principalmente por conta das limitações que um material escrito pode apresentar. Com os pontos de interesse definidos e estudados, o ponto seguinte foi a definição do layout do roteiro. A definição da palheta de cores se deu quando, em uma feira cultural realizada no pátio da Universidade Castelo Branco, tivemos contato com o professor Robson Lutieri, que tem como projeto a criação e validação, por meio da câmara de vereadores do Rio de Janeiro, de bandeiras para os bairros cariocas. Ele desenvolveu 166 flamulas, entre elas a da Freguesia de Jacarepaguá. Por meio de contato posterior, o professor autorizou a utilização da bandeira do bairro no roteiro impresso. Decidimos então que seriam usadas, principalmente, palhetas que remetesse às cores da bandeira proposta.

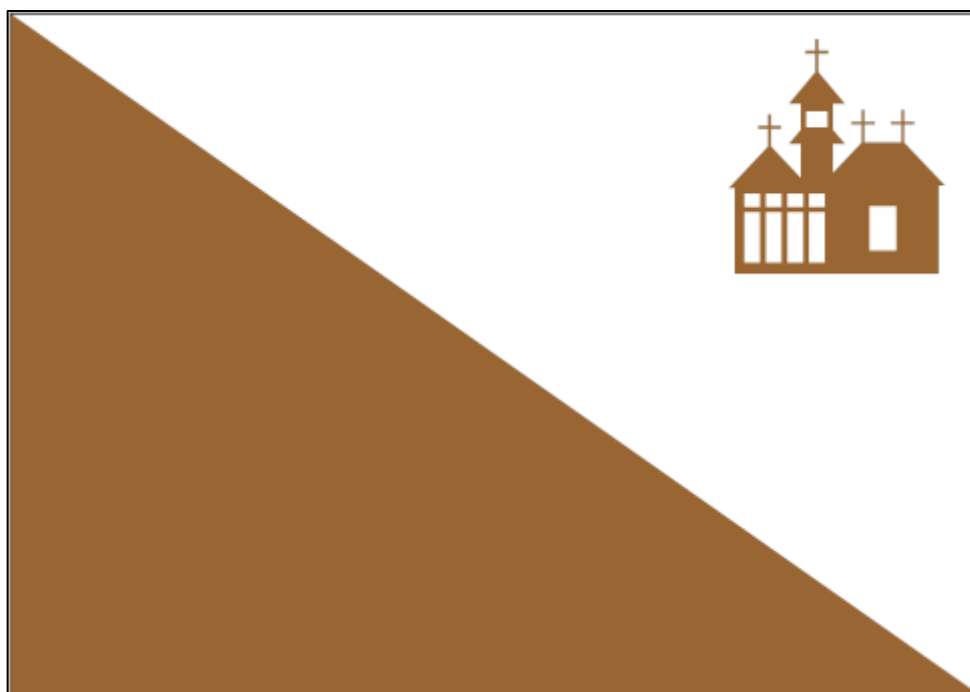


Figura 6 - Proposta de bandeira para Freguesia de Jacarepaguá - professor Robson Lutieri

O nome para o roteiro, “Geografando no Bairro”, surgiu da proposta de cada leitor fazer Geografia no bairro onde mora ou visita através de uma saída de campo, utilizando o olhar histórico-geográfico proposto no roteiro para descortinar elementos da paisagem que são observados, mas nem sempre analisados. A logo utilizada para o título seguiu a mesma intenção, utilizando as cores do projeto e tendo a bússola, elemento que remete a orientação, presente e dando a ideia de que roteiro visa orientar o participante por essa jornada.

Iniciamos o roteiro com o elemento “Para início de conversa” que busca explicar ao participante um pouco da proposta que ele seguirá nas páginas seguintes. É possível observar a construção do texto em formato leve e pessoal, com o objetivo de deixar o participante descontraído e sem uma ideia de aula ou livro didático sobre o material.

Como dissemos, um roteiro escrito oferece diversas limitações e buscamos superar algumas delas através de conteúdos extras. Para tal utilizamos os Qr Codes, que são tecnologias novas a partir das quais cria-se um código e nele registra-se um link, um texto, um vídeo publicado na internet etc. O participante pode baixar em seus dispositivos móveis os aplicativos leitores de Qr Codes e, através da câmera do aparelho, realizar a leitura do código e ser direcionado para o conteúdo extra. Atualmente, essa tecnologia vem se difundindo em cartazes, propagandas, jornais, revistas e inclusive livros didáticos. A ferramenta permite que o participante vá além do roteiro impresso, acessando material extra e aprofundando seu conhecimento nos temas. Por ser uma tecnologia recente, criamos a sessão “Antes de Começar”, que oferece ao leitor uma explicação detalhada de como utilizar a ferramenta; para teste, disponibilizamos três vídeos preparados pela Pé de Moleque Roteiros que falam sobre a baixada de Jacarepaguá e a Freguesia. Torna-se importante ressaltar que o uso da tecnologia não é obrigatório e o participante pode realizar o roteiro sem o utilizá-lo.

Em seguida temos a área “Onde tudo começou”, que conta rapidamente a trajetória do projeto ao participante e o convida a conhecer mais por meio do código apresentado. O sumário é simples e traz os elementos textuais e os pontos do roteiro.

Considerando que a baixada de Jacarepaguá é citada diversas vezes ao longo do roteiro, criamos uma área para falar sobre ela, sua localização geográfica, amplitude, número de bairros, curiosidades e finalizamos com a origem do nome. Em seguida, abordamos uma breve história sobre as freguesias e a Freguesia de Jacarepaguá.

A página seguinte dá início ao roteiro, apresentando os pontos de interesse. Criamos ainda dois ícones para serem utilizados ao longo do roteiro: o de banheiro disponível e o de subida íngreme, visando preparar o participante para o que virá à frente. Apresentamos também o mapa do roteiro, feito sobre a imagem de satélite do Google Earth com os pontos de parada na sequencia proposta, o título do mapa e a rosa dos ventos.

Ao longo do roteiro construímos caixas de destaque para informações adicionais e relevantes com um padrão de cores diferente da palheta principal, para ressaltar o informado por meio de contrastes visuais. Ao longo dos textos foi utilizado o negrito em alguns nomes e dados com o objetivo de chamar a atenção do leitor, quebrando o padrão textual.

Sempre ao final dos roteiros presenciais realizamos a leitura de um poema, poesia ou música que esteja no contexto das temáticas vistas ao longo da caminhada. Criamos então a área “Por fim”, onde trazemos as considerações finais e o poema “Jacarepaguá, beijos, muitos beijos...” de autoria de Paula Sant’ana Amador, escrito para o concurso de aniversário do bairro na época em que estudava em uma escola municipal da baixada de Jacarepaguá. Ela aborda diversos bairros da região com algumas características e de forma leve.

Encerramos o nosso roteiro com a despedida do participante, dando a ideia de que é possível que em breve estejamos juntos em um novo roteiro por outros bairros da baixada de Jacarepaguá e fora dela.

Importante ressaltar que até a finalização deste trabalho, o roteiro não foi utilizado, mas que pretende-se utilizá-lo em pesquisas futuras.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O material pretende tornar mais próxima da população do bairro e da cidade os processos de construção socioculturais e geográficos, mostrando que o lugar como vemos hoje é, na verdade, o acúmulo de diversas ações ao longo do tempo, construindo formas e rugosidades na paisagem, como afirmava o geógrafo Milton Santos (2006).

O circuito histórico da cidade do Rio de Janeiro não contempla os bairros da Zona Oeste e parte da Zona Norte, portanto, promover a história, geografia e cultura desses bairros torna-se relevante. Manter vivas as raízes que constituíram o espaço geográfico e que ainda influenciam no cotidiano de seus moradores e visitantes. A rua é um “museu de grandes novidades”, sendo possível torna-la palco da formação continuada não formal, através da observação das rugosidades que envolvem o indivíduo, criando o sentimento de pertencimento, respeito e preservação.

Não temos a pretensão de elaborar um material definitivo ou um livro escolar, mas acreditamos que o educador poderá tomar o roteiro como inspiração para levar seus alunos para a rua e construir seu próprio trajeto.

Buscamos construir um material que dê independência às pessoas que queiram conhecer melhor o bairro, deixando pistas para que elas possam ir além, aprofundando as suas percepções e inclusive construindo suas pesquisas, mesmo que de maneira informal.

Todas as ruas, praças, avenidas e campos são produto de uma formação anterior, cheias de histórias e geografias que podem ser estudadas. A história local é tão importante quanto os eventos nacionais e mundiais que, ao contrário do que aprendemos, também foram possíveis através de pequenos movimentos sociais, positivos e negativos.

Conhecendo nossas origens, preservamos o nosso passado e compreendemos que cada indivíduo é agente construtor do futuro. Como desejamos esse futuro e o que estamos fazendo para construí-lo, são questões importantes; os exemplos do passado podem nos mostrar os melhores caminhos a serem tomados.

8 BIBLIOGRAFIA

ARAUJO, Carlos. **Jacarepaguá de antigamente**. Belo Horizonte: Ciência e Desenvolvimento, 1995. BARROS, José D'assunção. História, Espaço e Tempo. Interações Necessárias. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p.460-475, jul. 2006. Semestral.

CAVALCANTI, Cecília C. B.; PERSECHINI, Pedro Muanis. Museus de Ciência e a popularização do conhecimento no Brasil. **Field Actions Science Reports**, Online, v. 03, n. 01, p.02-10, set. 2011. Disponível em: <<http://factsreports.revues.org/1085>>. Acesso em: 02 dez. 2017.

CAVALLIERI, F.; LOPES, G. P. Índice de Desenvolvimento Social - IDS: comparando as realidades microurbanas da cidade do Rio de Janeiro. **Coleção de Estudos Cariocas**. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, abril, 2008. Disponível em: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/2394_%C3%8Dndice%20de%20Desenvolvimento%20Social_IDS.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2018.

(CGEE) Percepção pública da ciência e tecnologia 2015 - Ciência e tecnologia no olhar dos brasileiros. Sumário executivo. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2015.

DIAS, Vera. **Inventário dos Monumentos RJ**. Disponível em: <<http://www.inventariodosmonumentosrj.com.br/>>. Acesso em: 13 set. 2017.

ESTRATÉGICOS, Centro de Gestão e Estudos. **Percepção pública da C&T**. Disponível em: <<http://percepcaocti.cgее.org.br/>>. Acesso em: 02 dez. 2017.

FENELON, Déa Ribeiro. A QUESTÃO DOS ESTUDOS SOCIAIS. Boletim Geográfico Gaúcho, Porto Alegre, v. 1, n. 13, p.95-99, ago. 1985. Mensal. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37802/24386>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

FRIDMAN, Fania. Freguesias Fluminenses ao final do Setecentos. **Revista Ieb**, São Paulo, v. 48, n. 1, p.91-143, mar. 2009.

IHB AJA. **Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá**. 2017. Disponível em: <<http://ihbaja.blogspot.com.br/2017/07/o-que-e-baixada-de-jacarepagua-por.html>>. Acesso em: 30 jul. 2017.

LETIERE, Robson. **Rio Bairros: Uma breve história dos bairros cariocas de A a Z**. 3. ed. Rio de Janeiro: Projeto Bairros Cariocas, 2017.

MALAVOY, S. Guia Prático de Divulgação Científica. Rio de Janeiro: Casa do Oswaldo Cruz, 2005. 52p

MELLO, João Batista de. **Roteiros Geográficos do Rio**. Disponível em: <<http://www.roteirosdorio.com/>>. Acesso em: 01 out. 2017.

MELO, A. A. VLACH, V. R. F. SAMPAIO, A.C.F. História da geografia escolar brasileira: continuando a discussão. In: Congresso Luso-brasileiro de História da Educação, VI, 2006, Uberlândia, p.2683-2694.

MOREIRA, Ildeu de Castro; MASSARANI, Luisa. ASPECTOS HISTÓRICOS DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO BRASIL. Terra Incognita, Rio de Janeiro, v. 4, n. , p.43-64, jan. 2005. Disponível em:

<http://www.casadaciencia.ufrj.br/Publicacoes/terraincognita/cienciaepublico/artigos/art03_a_spectoshistoricos.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2018.

MOREIRA, Rui. **O que é Geografia?** 2. ed. Tatuapé: Brasiliense, 2010.

MOTTA, Vânia Cardoso da; FRIGOTTO, Gaudêncio. POR QUE A URGÊNCIA DA REFORMA DO ENSINO MÉDIO? MEDIDA PROVISÓRIA Nº 746/2016 (LEI Nº 13.415/2017). **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 139, n. 38, p.355-372, abr. 2017. Trimestral.

OLIVEIRA, Clarice Gonçalves Souza de. A Geografia como disciplina: trajetória nos currículos escolares do Brasil e o seu ensino como questões centrais da discussão. In: TRINDADE, Gilmar Alves; CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. **Discutindo Geografia: Doze razões para de (re)pensar a formação do professor**. Ilhéus: Editus, 2007. p. 17-62.

PASSOS, Instituto Pereira. Instituto Pereira Passos. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/ipp>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

SANTOS, Kairo da Silva; CARVALHO, Raquel Conceição; SARDELLA, Amanda Biodino. **EVOLUÇÃO DA PAISAGEM DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, UMA VISÃO CARTOGRÁFICA: ASPECTOS SOCIOESPACIAIS DAS FREGUESIAS A PARTIR DO SÉCULO XIX**. 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/295861217_Evolucao_da_Paisagem_da_Cidade_do_Rio_de_Janeiro_Uma_Visao_Cartografica_Aspectos_Socioespaciais_das_Freguesias_a_Partir_do_Seculo_XIX>. Acesso em: 01 out. 2017.

SANTOS, L. P. dos. O ESTUDO DO LUGAR NO ENSINO DE GEOGRAFIA: OS ESPAÇOS COTIDIANOS NA GEOGRAFIA ESCOLAR. 2010. 159 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista

SANTOS, M. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Editora Usp, 2006.

SANTOS, Noronha; BERGER, Paulo. **As Freguesias do Rio Antigo**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro S.a., 1965.

SILVA, Henrique Cesar da. O que é Divulgação Científica? **Ciência & Ensino**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.53-59, dez. 2006.

SOUZA, Thiago Tavares de; PEZZATO, João Pedro. Educação, Geografia e Escola: Geografia escolar e as influências pedagógicas institucionais até a década de 1960. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO, 2., 2009, São Paulo: USO, 2010. p. 1 – 16.

VLACH, Vânia Rubia Farias. O ensino de Geografia no Brasil: Uma perspectiva histórica. In: VESENTINI, José William (Org.). O ensino de Geografia no Século XXI. 7. ed. Campinas: Papirus, 2013. Cap. 6, p. 187-218.

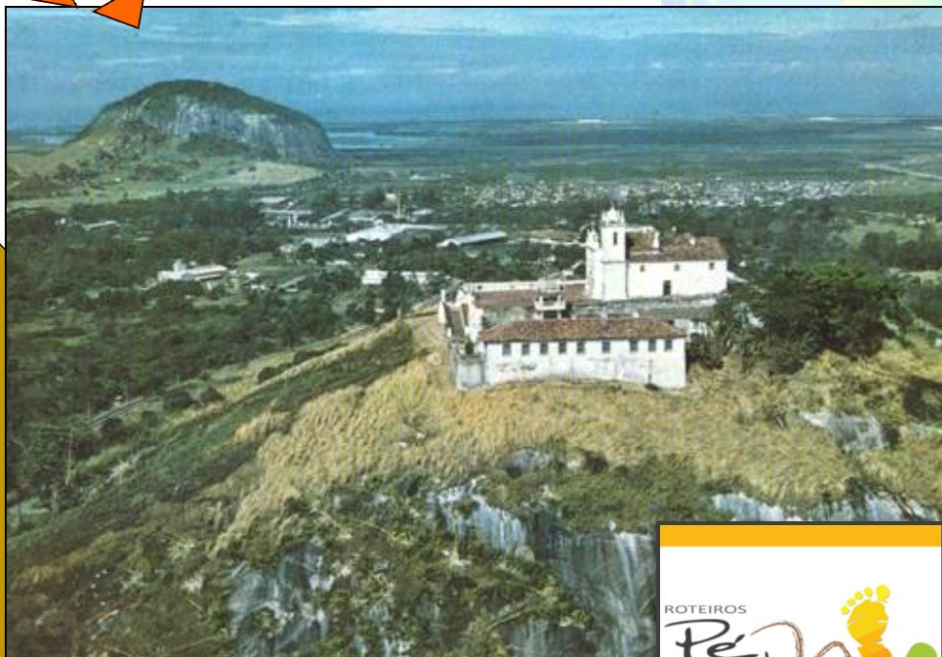
ZANATTA, Beatriz Aparecida. O MÉTODO INTUITIVO E A PERCEPÇÃO SENSORIAL COMO LEGADO DE PESTALOZZI PARA A GEOGRAFIA ESCOLAR. Cadernos Cedes, Campinas, v. 25, n. 66, p.165-184, maio 2005. Bimestral. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a03v2566.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

9 APÉNDICE

GE GRAFANDO

no Bairro

FREGUESIA DE JACAREPAGUÁ



GEOGRAFANDO no Bairro

Para início de conversa

Olá aventureiros e aventureiras!

Sejam muito bem-vindos ao GEOGRAFANDO NO BAIRRO - FREGUESIA

A proposta aqui é disponibilizar um roteiro histórico-geográfico pelo bairro da Freguesia de Jacarepaguá, de forma que você possa realizá-lo de maneira independente, a pé, conhecendo os principais elementos históricos, geográficos e culturais do bairro.

Um bairro como a Freguesia é rico em pontos de interesse; não buscamos nesta edição contemplar todo o bairro, mas sim, construir um roteiro que possa ser feito individualmente ou em grupo por um tempo de aproximadamente três a quatro horas.

Esperamos, com isso, mantermos vivas as raízes históricas do bairro e difundir informações que muitas vezes são desconhecidas dos moradores do bairro e seus visitantes.

Coloque uma roupa leve, calçados confortáveis, pegue sua garrafinha de água e um lanche, convoque sua turma, amigos, familiares... E pé na estrada!

Antes de Começar

Você sabe o que são QR CODES?

Ele é um código em 2D que pode ser lido pela maioria dos celulares e tablets que tenham câmera. Ele pode armazenar textos, links ou lhe direcionar para algum conteúdo disponível na internet.

Como instalar?

- Visite a loja de aplicativos do seu celular. No caso de aparelhos com sistema Android, vá até a *Google Play*; sendo um iPhone, siga para *Apple Stores*.
- Na barra de busca procure por "leitor de Qr Code" ou "Qr Code Reader". Escolha qualquer uma das opções que aparecerão — a maioria deles funciona facilmente e com qualidade — e instale em seu aparelho.

Como utilizar?

- Clique no aplicativo do leitor de Qr Codes. Ele abrirá mostrando um quadrado no meio da imagem da câmera do seu aparelho.
- Enquadre o Qr Code nesse espaço. Automaticamente ele apresentará o texto ou o link para o material.

Para que usar QR CODES?

Em nosso roteiro, os Qr Codes buscam extrapolar os limites do papel, oferecendo materiais especiais como vídeos, músicas, sites da internet etc. Pode parecer complexo, mas assim que você se familiarizar, com certeza gostará.

Vamos testar?

Selecionamos três pequenos vídeos produzidos pela Pé de Moleque Roteiros que contam um pouco da história da Baixada de Jacarepaguá. Prepare seu leitor de Qr Codes e divirta-se.



Baixada de JPA



Igrejas



Personagens

GEOGRAFANDO



GEOGRAFANDO

no Bairro

Onde tudo começou

Meu nome é **Lúcio Brandão** e sou Geógrafo Educador, morador do bairro Tanqué. Durante o ano de 2012, cursando a faculdade de Geografia da Universidade Gama Filho, conheci **Luiz Paulo de Araújo**, um rapaz dono de uma inteligência invejável e também morador da Baixada de Jacarepaguá, mais precisamente do bairro do Camorim. Em meio a um universo de ideias que tivemos juntos, surgiu a de levar até o grande público o conhecimento que, por vezes, é debatido apenas dentro do espaço acadêmico. Assim criamos o projeto **Pé de Moleque Roteiros**, onde realizamos roteiros histórico-geográficos gratuitos pela cidade do Rio de Janeiro (*conheça mais do projeto no QR Code*). Com o ingresso na Pós-Graduação em Educação e Divulgação Científica, surgiu a ideia de transformarmos o roteiro que realizamos em um roteiro escrito. Aqui está!



SUMÁRIO

Um pouco sobre a Baixada de Jacarepaguá	05
As Freguesias	07
A Freguesia de Jacarepaguá	07
O Roteiro	09
Mapa do Roteiro	10
1 - A Porta D'água	11
2 - Busto do Prefeito Dodsworth	12
3 - Cachorro Quente da Tia	12
4 - Casa da Professora Camisão	13
5 - Paróquia de N.S. do Loreto	14
6 - Estação José Roiz de Aragão	16
7 - Estação Provedora Lygia Moreira Alves	17
8 - Mirante da Gruta	18
9 - Relógio Solar	19
10 - Igreja de Nossa Senhora da Penna	20
Por fim...	22

Um pouco sobre a Baixada de Jacarepaguá

A **Baixada de Jacarepaguá** é a área localizada na **Zona Oeste** da cidade do Rio de Janeiro, compreendida no espaço entre o **Maciço da Tijuca**, o **Maciço da Pedra Branca** e o **Oceano Atlântico**.

Os dois maciços formam um contraforte rochoso que quase se tocam (como observamos no mapa), formando um afunilamento e tendo como única passagem natural permitida o bairro do Campinho.

Acredita-se que toda a parte rochosa dos atuais maciços no passado formassem um único bloco rochoso e que, ao passar de milhões de anos, foi se desgastando de forma irregular, dando ao cenário as feições atuais.

Sua extensão é de 160km² e soma um total de **dezenove bairros**. A **Baixada de Jacarepaguá** é uma planície litorânea onde os rios se espalham depois de descer os morros do entorno. Com isso, os sedimentos que se desprenderam das rochas formadoras do relevo vão se acumulando nessa grande baixada.

As linhas da costa do Atlântico também foram mudando de local ao longo dos milhares de anos. Sabe-se que o mar era muito mais alto e, portanto, ocupava um espaço maior dentro do continente. Ao começar o processo de regressão marinha o oceano foi construindo algumas formas que conhecemos até hoje, como é o caso da primeira barra da região que fica onde hoje se localiza-se a **Avenida das Américas**. Existiam grandes depressões on-de parte da água ficou represada e formou as lagoas costeiras, como por exemplo a **Lagoa de Jacarepaguá**. Logo depois surgiu a segunda barra, antiga Avenida Sernambetiba e atual **Avenida Lúcio Costa**. O bairro onde elas se formaram recebeu posteriormente o nome de **Barra da Tijuca**, contemplando em seu nome a formação geográfica local.



5



A ocupação da região é bem antiga, formada por grupos indígenas pré-colombianos, como por exemplo os **Tamoios**. Um dos indícios da presença desses habitantes foram os diversos **sambaquis** observados na região.

Tais povos se alimentavam principalmente de ostras e mariscos e acumulavam as carcaças desses animais em montes. Em alguns desses locais, eles receberam o nome de **Sambaquis**. Em alguns locais, também

eram depositados antigas ferramentas feitas de rochas e até mesmo alguns sepultamentos.

Na cidade do Rio de Janeiro os sambaquis não foram preservados, dando lugar às construções modernas. Mas é possível conhecê-los em uma viagem rápida pelo estado do Rio. A foto acima, por exemplo, foi tirada no Sambaqui da Beirada, que fica no município de Saquarema. **Saiba mais sobre o Sambaqui da Beirada acessando o QR Code ao lado.**



A Origem do Nome

O nome da baixada surgiu devido à sua lagoa principal, a atual **Lagoa de Jacarepaguá**.

Originalmente possuía cerca de **quinze quilômetros** de extensão, mas hoje perdeu muito de sua área para os aterros imobiliários e o intenso crescimento urbano. Sua profundidade baixa, além de grande número de Jacarés da espécie *Caiman Latirostris*—ou como conhecido popularmente, **Jacaré do Papo Amarelo**. Por isso, os habitantes originais deram ao local de YACARÉ UPA GUA, que do Tupi significa **Lagoa Baixa dos Jacarés**, posteriormente se transformando em **Jacarepaguá**. Abaixo vemos o registro de Magalhães Corrêa em seu livro "O Sertão Carioca" de 1936, que retrata o Jacaré nas águas da Lagoa de Jacarepaguá, acontecimento que ainda hoje é possível observar a despeito do intenso processo de urbanização e poluição do local.



6

As Freguesias

No Brasil colônia, as áreas eram divididas em **freguesias**, que consistia em uma designação portuguesa para **paróquia** — que, na época exercia a função espiritual e também administrativa. É importante lembrar que a Igreja Católica e a Coroa tinham relações muito próximas e algumas vezes até se confundiam.

A quantidade de casas e habitantes era justificativa para a constituição de uma freguesia que ali exerceria seu papel religioso, administrativo e social — este último pois era a Igreja era responsável pelas normas e costumes do povo, além de ser, por vezes, o único acesso a entretenimento.

A primeira freguesia foi a de São Sebastião, em vinte de fevereiro de 1569. Com o aumento populacional e expansão territorial, houve a necessidade de criação de novas freguesias.

Ao todo foram criadas vinte e uma freguesias: Candelária (1634), Irajá (1644), **Jacarepaguá** (1661), Campo Grande (1673), Ilha do Governador (1710), Inhaúma (1749), São José (1751), Santa Rita (1751), Guaratiba (1755), Engenho Velho (1762), Ilha de Paqueta (1769), Lagoa (1809), Santana (1814), Sacramento (1826) que substituiu a de São Sebastião, Santa Cruz (1833), Glória (1834), Santo Antônio (1854), São Cristóvão (1856), Espírito Santo (1865), Engenho Novo (1873) e Gávea (1873).

A partir de 1892 as freguesias receberam o nome de distritos e, nos anos seguintes, foram recebendo novas configurações territoriais através de diversos decretos.

A Freguesia de Jacarepaguá

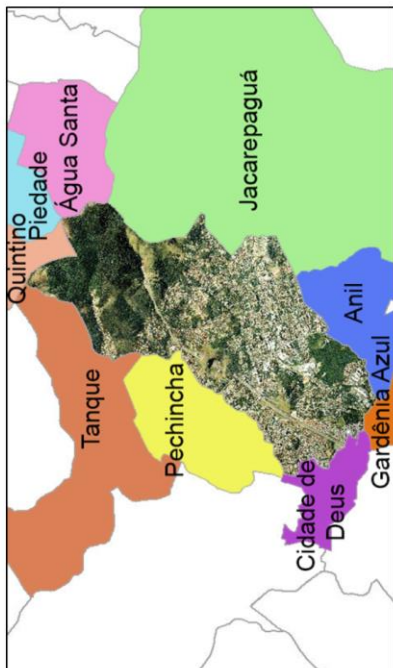
A **Freguesia de Nossa Senhora do Loreto e Santo Antônio** foi a quarta do Rio de Janeiro, criada em seis de março de 1661. Antes, a área que ele ocupava pertencia a **Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá**.

Na região já havia muitos fiéis e era difícil para os padres saírem da Freguesia de Irajá e irem até a Freguesia de Jacarepaguá devido ao longo e cansativo percurso feito de charrete por caminhos de terra, o que atrapalhava muito as práticas espirituais da população.

Mesmo tendo sido criada em 1661, a construção foi iniciada em 1664 e as atividades tiveram início em 1665. A paróquia não ficava no local atual, mas em terras próximas — falaremos melhor dela durante o nosso roteiro. A Freguesia de Jacarepaguá consolidou-se como um importante núcleo populacional desde a sua criação, e tal marca está presente nos dias atuais. Durante muitos anos ela era o principal polo de acesso a serviços e comércio de Jacarepaguá e entorno. Boa parte dessa importância se solidificou durante o período em que o principal transporte público eram os bondes.

O bairro foi oficializado, denominado e delimitado pelo Decreto Nº 3158, de 23 de julho de 1981, sofrendo alterações no Decreto Nº 5280, de 23 de agosto de 1985. Segundo dados do Instituto Pereira Passos (IPP) disponibilizados em seu site, o bairro contava com uma área territorial total de **1.039,61 Km²** e **70.511** habitantes em 2010.

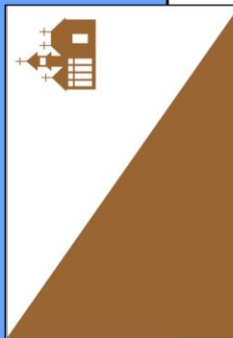
A Prefeitura do Rio de Janeiro adota o Índice de Desenvolvimento Social (IDS) para avaliar a qualidade de vida dos habitantes dos bairros cariocas; a Freguesia de Jacarepaguá ocupa o trigésimo nono lugar de um total de cento e cinquenta e oito bairros.



O bairro faz parte da Área de Planejamento 4.1 da Prefeitura Municipal e conta com os seguintes bairros vizinhos: **Jacarepaguá, Água Santa, Piedade, Quintino, Tanque, Pechincha, Cidade de Deus, Gardênia Azul e Anil.**

A Freguesia e sua Bandeira

O professor **Robson Letieri**, com o objetivo de explicar de forma didática o nome e as características de cada bairro ao seu filho, criou bandeiras para os bairros cariocas. Após observar que somente o bairro de Cordovil conta com um projeto de lei para oficializar a sua bandeira, ele criou de forma independente a bandeira dos 161 bairros que faltavam. A proposta de Letieri tornou-se um projeto de lei de Nº 1219/2015 e segue em tramitação pela câmara dos vereadores do Rio de Janeiro. A proposta de bandeira para a Freguesia de Jacarepaguá é esta apresentada abaixo. Segundo o autor, o branco representa a paz espiritual e o marrom, o Engenho D'água que existia na região. A igreja em referência à matriz de Nossa Senhora do Loreto.



O Roteiro

Já sabemos sobre a Baixada de Jacarepaguá e o surgimento da Freguesia de Jacarepaguá. Agora é hora de colocar o pé na estrada e iniciar o roteiro. Os pontos de interesse foram selecionados a partir de sua relevância histórica, geográfica e cultura, além da possibilidade de ser feito a pé.

Dividimos os pontos de parada da seguinte forma.

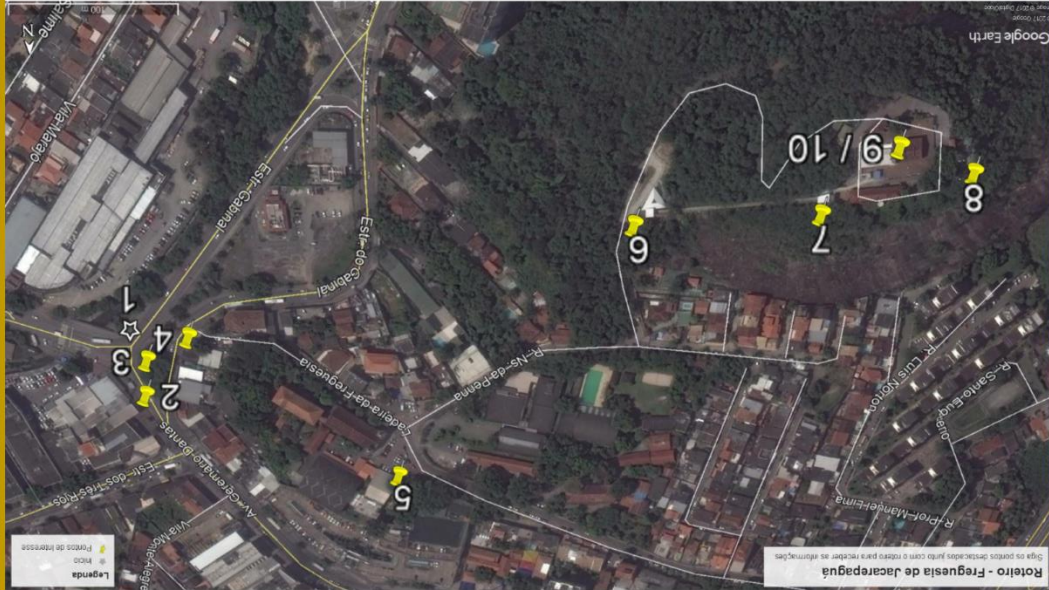
1. A Porta D'água.
2. Busto do Prefeito Dodsworth.
3. Cachorro Quente da Tia.
4. Casa da Professora Camisão.
5. Paróquia de Nossa Senhora do Loreto.
6. Estação José Roiz de Aragão.
7. Estação Provedora Lygia Moreira Alves.
8. Mirante da Gruta.
9. Relógio Solar.
10. Igreja de Nossa Senhora da Penna.



Alguns pontos contam com banheiro e bebedouro. Informaremos ao longo do roteiro.



Partes do roteiro são feitas em terreno íngreme e precisam de atenção e fôlego, mas avisaremos ao longo do roteiro.



9

10

1 - A Porta D'água

Talvez você ache estranho o nosso roteiro começar bem de frente para um rio vítima do intenso processo de urbanização. Porém, a sua importância é muito grande para a região.

A Baixa de Jacarepaguá é abundante em corpos hídricos, apesar da maioria ser de porte pequeno. As águas que escoam da Serra dos Três Rios, sendo eles o Ciganos, Olho D'Água e Fortaleza, formam o Rio Porta D'Água, hoje com o nome de Rio Sangrador. O corpo hídrico que você observa é contribuinte da Porta D'água e está em uma das pontas do local que no passado ficou conhecido pelo nome deste rio, que ia da rua Ituve-rava, no atual bairro do Anil, até a Praça Professora Camisão, que está do outro lado da rua.

No início do século o rio Porta D'água era navegável em toda a planície que percorre até a **Lagoa do Camorim**, onde fica sua foz, e era responsável por escoar parte da produção agrícola local. Seu curso alto era composto de diversos diques e comportas que acabaram dando o nome ao próprio rio. Além de importante meio de transporte nos primórdios da ocupação, ali era o ponto final das duas linhas de bonde que ligavam Jacarepaguá até Cascadurra, onde era possível fazer a integração com a linha férrea.



2 - Busto do Prefeito Dodsworth

Ao atravessar a rua, você chegará na praça Professora Camisão (personalidade que conhecemos no **ponto 4**). No entanto, por nela encontrar-se o busto de um homem, muitos chamam-na de "Professor Camisão".

O dono do busto chamava-se **Henrique de Toledo Dodsworth Filho**, nascido no Rio de Janeiro em 1895. Formou-se em Direito em 1915 e em Medicina no ano de 1916. Era sobrinho do prefeito e engenheiro **Pau-**



lo de Frontin, por quem foi nomeado chefe de gabinete. Eleveu-se diversas vezes deputado federal pelo então Distrito Federal. Em 1937, foi nomeado pelo **Presidente Getúlio Vargas** para assumir interinamente o cargo de prefeito do Distrito Federal e te-ve como marca de governo a realização de grande obras, como a esplanada do Castelo no centro do Rio, a abertura da Avenida Presidente Vargas e início das obras do Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã) e da Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá. Em 1945, foi nomeado embaixador do Brasil em Portugal. Dodsworth faleceu no ano de 1975 em sua cidade natal.



3 - Cachorro Quente da Tia

O próximo ponto está bem perto de você, neste quiosque que fica no meio da praça. Vamos saber mais sobre ele?

Atualmente, a região de Jacarepaguá pode se vangloriar por contar com diversos polos gastronômicos espalhados por seus bairros e a mais variada opção de preços, menus e horários de atendimento. Mas nem sempre foi assim. Em 1982, uma Kombi começou a parar nesta praça e comercializar seu cachorro quente. A iniciativa foi de um Sargento da Polícia Militar, casado e com três filhos, que desejava melhorar sua qualidade de vida. Porém, foi sua esposa que ficou famosa na região pelo cachorro quente tradicional que contava, segundo dizem, com uma salsiça saborosa e macia acompanhada de um molho especial feito por ela. Em meio a uma Jacarepaguá com pouquíssimas atrações e opções, ali logo virou um "point" e as pessoas começaram a chegar de longe para experimentar o cachorro quente daquela que era gentilmente conhecida como "Tia". O nome pegou. **Eny Matos** se tornou "A Tia" e o "Cachorro Quente da Tia" ficou famoso para além do bairro. Na década de 1990, a região ainda era pouco movimentada e a grande diversão dominical dos jovens era um passeio pelo Rio Shopping, onde meninos e meninas iam em direção contrária, suspiravam ao se entreolharem e logo depois caminhavam até a praça para comer um cachorro quente da Tia acompanhado de um refrigerante de garrafa de vidro que até hoje é servido no local.



11

Curiosidade:

Bem próximo de onde você está, encontra-se uma das mais importantes ruas do bairro, a Estrada dos Três Rios, que recebeu esse nome devido a Serra dos Três Rios e aos rios Ciganos, Olho D'Água e Fortaleza. O nome desses rios também tem uma história interessante, mas deixaremos para um outro roteiro...

Saiba mais:

Esse local é o entroncamento entre três importantíssimas avenidas: Geremário Dantas, Estrada do Gábal e Estrada de Jacarepaguá. Mas você sabe o significado desses nomes? O jornalista e escritor **Waldemar Costa** realizou o levantamento de todas as ruas da Baixa de Jacarepaguá e disponibiliza gratuitamente em seu site na internet. Acesse o código abaixo e saiba mais.



4 - Casa da Professora Camisão



Nosso próximo ponto fica do outro lado da praça, mais precisamente na esquina da Estrada do Gabinal com a Ladeira da Freguesia.

A praça **Professora Camisão** foi assim nomeada em homenagem à professora **Julia de Andrade Camisão**, que abriu um educandário em um sobrado nesse local, permanecendo em funcionamento do final do século XIX até o início do século XX.

Julia Camisão foi ainda diretora da Escola Bahia, que localizava-se na rua **Candido Benício**, no bairro do Campinho. Atualmente, já muito descaracterizado, o imóvel é ocupado por uma loja de animais, mas ainda guarda nuances de seu passado na faixada.

De olho na paisagem:

Para curtir o melhor do roteiro, tire os olhos deste guia e do celular e use alguns minutos para observar o entorno. Tudo que você vê agora é o acúmulo de milhares de anos de movimentos geográficos, alguns causados pelo homem, mas muitos causados pela natureza. O geógrafo Milton Santos dizia que os acontecimentos vão deixando suas marcas na paisagem, o que ele chamava de rugosidades. Observe esse belo morro à sua frente: em outros tempos, recebia o nome de **Pedra do Galo**. Perceba os trilhos do plano inclinado que atualmente rasgam a sua encosta e levam os visitantes até o seu topo. Um acidente geográfico— nesse caso um morro de milhares de anos— em contraste com a tecnologia que facilita o acesso ao seu ponto mais alto. Interessante não? Observe bem, pois logo você estará lá em cima.

Dica Especial:

A praça Professora Camisão é o espaço onde ocorre aos sábados, das 8h às 13h, a **Feira Agroecológica da Freguesia**, que reúne agricultores do Estado do Rio de Janeiro e seus produtos orgânicos. A feira faz parte do Circuito Carioca de Feiras Orgânicas. Conheça um pouco mais da feira no código abaixo.



Saiba mais:

Você conhece a importância dos produtos orgânicos? Visite o código ao lado, veja o vídeo e saiba mais.



5 - Paróquia de N.S. do Loreto



Para seguir ao ponto "5", atravesse a rua e entre na **Ladeira da Freguesia**. Nesse ponto inicia-se o trecho de subida. Vá com calma, respire e faça o seu ritmo. O esforço valerá a pena.

A primeira **Paróquia de Nossa Senhora do Loreto e Santo Antônio** foi consagrada em 1664 em um terreno próximo à base da Pedra do Galo. Após alguns anos, o templo apresentava-se em ruínas e por meio da mobilização popular um novo foi erguido tendo como material pedra e cal em um novo local, na Ladeira da Freguesia, onde encontra-se até os dias atuais. Seu estilo é barroco e sua arquitetura assemelha-se muito com a Igreja de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá que, em outros tempos, era a sede religiosa e administrativa da região de Jacarepaguá.

Entre o século XIX e início do XX seu interior passou por reformas, ganhando um altar-mor em estilo colonial que contrasta com sua área externa. Outras obras que ocorreram no século XX descaracterizaram a fachada do prédio, como por exemplo a construção da torre sineira da direita que não existia na sua concepção original (observe a figura abaixo). Nossa Senhora do Loreto é a padroeira dos aviadores e da aviação, e durante muitos anos a igreja contou com um monumento em forma de avião que ficava na área da frente do templo. Uma dica interessante é visitar o Museu Aeroespacial, em Sulacap; lá você encontrará uma imagem de Nossa Senhora do Loreto esculpida na madeira de uma hélice de avião. Em 1970 a igreja foi nomeada Santuário Nacional de Nossa Senhora do Loreto.



13

14

6 - Estação José Roiz de Aragão



A estação conta com banheiros e bebedouros. Beba água e relaxe. Essa última parte da subida foi a mais cansativa: você merece recuperar o fôlego e contemplar a paisagem.



No dia 24 de Agosto de 2014 foi inaugurado — com a presença do Cardeal Arcebispo da cidade do Rio de Janeiro, Dom Orani João Tempesta — o plano inclinado que dá acesso à Igreja de Nossa Senhora da Penha. Curiosamente, o plano inclinado foi criado para facilitar o acesso, porém, como você pôde perceber, não é uma tarefa fácil chegar até esse ponto... Mas você conseguiu! Parabéns!

Sobre José Roiz de Aragão não foram encontradas, até o momento, maiores informações, tem algo interessante para ver.



Voltando para área externa da estação, no sentido de subida, você observará um local onde a rocha foi cortada para a construção da estação. Observe bem esse bloco rochoso. Ele é formado por **Gnaiss-Facoidal**, que é um tipo de rocha metamórfica, ou seja, que sofreu metamorfismo, devido ao movimento das placas tectônicas que a colocaram sobre condições extremas de temperatura e calor, mudando as suas características originais. Originalmente ele era um **Granito**, isso mesmo, um Granito como aquele usado na construção civil. Outros exemplos de morros formados por Gnaiss-Facoidal são a **Pedra da Gávea**, o **Morro Dois Irmão**, o **Morro do Pão de Açúcar** e o **Morro da Urca**.

Agora é hora de continuar a nossa jornada. Tome seu lugar no plano inclinado e siga em frente. Uma boa dica é fazer a viagem de pé, pois você poderá observar toda a paisagem e em especial a área que percorremos até aqui.

Dica Especial:

Se você quiser saber mais sobre a formação geográfica dos principais relevos do Rio de Janeiro, vale conhecer a série lançada pelo canal de tv por assinatura "Mais GloboSat" chamada "Sobre Rochas", onde o geógrafo Marcelo Motta apresenta todos os detalhes de forma simples e envolvente. Utilize o Qr Code para saber mais.



Para seguir para o próximo ponto, localize-se. Fique de costas para a Igreja de Nossa Senhora do Loreto. Na sua frente, a Ladeira da Freguesia seguirá até a Avenida Geremário Dantas, porém, o ponto "6" do nosso roteiro será encontrado seguindo para a esquerda pela Rua N.S. da Penha. Vá em frente.



Iniciaremos agora o trecho mais pesado de nosso roteiro. Será preciso estar preparado fisicamente ou ter paciência. Suba aos poucos, sem pressa. A paisagem no seu entorno ficará cada vez mais inspiradora. Contemple.



Enquanto sobe, aproveite para observar a parte mais à direita do calçamento. Ela é a mais antiga no local e foi construída pela técnica de calçamento pé-de-moleque, muito usada nos primórdios da colonização.

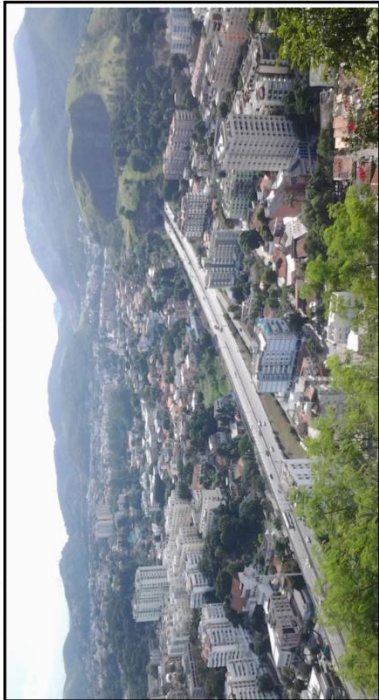
Na época, as estradas eram de barro e terra, o que dificultava muito o transporte, principalmente de materiais pesados. Nos dias de chuva, a lama e os atoleiros impediam a livre circulação. Por esse motivo, a técnica do **pé-de-moleque** foi trazida de Portugal e implantada pelos negros escravos nas principais vias públicas, como por exemplo, o caminho do ouro que ligava Minas Gerais até o porto de Paraty. A técnica consiste em encaixar rochas de diferentes tamanhos e cores, formando o calçamento. Por sua aparência lembrar o doce feito de amendoim que tem o nome de pé-de-moleque, o calçamento ganhou o mesmo nome.

Saiba mais:

O doce **pé-de-moleque** é original da culinária brasileira e surgiu por volta do século XVI com a chegada da cana-de-açúcar à capitania de São Vicente. Existem duas versões para o nome: A primeira diz que o doce, ao ficar pronto, tem a coloração dos pé dos moleques que brincavam descalços. A outra diz que as cozinheiras eram assediadas pelas crianças por pedacinhos do doce enquanto gritavam: "pede, Moleque!"

7 - Estação Provedora Lygia Moreira Alves

Parabéns! Você chegou ao topo da antiga Pedra do Galo, atual Morro de N.S. da Penna. Não encontramos informações sobre a personagem que dá nome a estação, mas não se preocupe: teremos muito para ver por aqui. Siga em frente por entre o casario antigo da sua direita e a igreja à sua esquerda. Logo após o final do casario, na parte da esquerda, você observará o primeiro mirante a ser contemplado.



Aqui podemos observar a intensa urbanização que a região de Jacarepaguá vem passando nos últimos vinte anos. A movimentada Linha Amarela que corta o bairro, atravessa o **Morro da Covanca** e sai no bairro de **Água Santa**, na **Zona Norte**. É possível também observar uma antiga pedreira desativada. Como já vimos, a região é rica em rochas como o Granito, e a exploração de tais minerais foi intensa no passado.

Ao fundo é possível perceber a Estrada do Pau Ferro, que no passado fez parte do Engenho da Serra e hoje é uma das principais ligações com a Zona Norte por meio da **Estrada Menezes Cortes**, popularmente conhecida como Grajaú-Jacarepaguá. Por falar em engenho: você sabia que a Baixada de Jacarepaguá era conhecida como Planície dos Onze Engenhos? Pois é! Engenho D'Água, Engenho de Dentro, Engenho de Fora, Engenho Velho, Engenho Novo... Enfim, esse é um papo para outro roteiro, mas é sempre bom lembrar! Siga adiante para chegar até o Mirante da Gruta.



O complexo da Igreja de Nossa Senhora da Penna conta com banheiros e bebedouros.

17

8 - Mirante da Gruta



O acesso ao Mirante da Gruta é feito por meio de uma escadaria não muito longa. Ao chegar, você terá uma das belas e completas vistas da Baixada de Jacarepaguá.

É possível facilmente observar o formato geográfico do local. A baixada que se localiza entre os Maciços da Pedra Branca (à sua direita) e o Maciço da Tijuca (à sua esquerda) que se formaram em dois grandes eventos geológicos. O primeiro há **600 milhões de anos** por meio da formação de um mega continente, conhecido como **Pangeia**. O impacto e a pressão feita entre a Placa Sul-americana e a Placa Africana formaram diversos acidentes no relevo.



O segundo evento data de **150 milhões de anos** com a quebra e separação desse mega continente e a formação do Oceano Atlântico. É importante saber que os relevos que vemos atualmente são apenas uma parte do relevo original.

Na época ele era muito maior, mas através do **intemperismo** sofrido ao longo de milhares de anos causado pela mudança de temperatura e a chuva, as rochas menos resistentes foram se fragmentando, sendo levadas para a parte baixa do relevo. Sendo assim, podemos dizer que tudo que vemos não é aquilo que foi erguido ao longo dos grandes eventos, mas sim, tudo aquilo que não desceu.

Podemos observar desse ponto a costa marítima, da Barra da Tijuca até o Recreio dos Bandeirantes. Vemos o marcante complexo de lagoas e barras oceânicas que são testemunhos da regressão do mar, sendo a última data de **10 mil anos** atrás.

Ao observar a paisagem, destacam-se: a Cidade de Deus, aos pés do morro; a Pedra da Panela, na esquerda; a Escola Sesc; o Hospital Sara; A Vila Pan-americana; o Parque Olímpico e o grande complexo imobiliário da Barra da Tijuca.

Gaste um bom tempo observando e tentando identificar os locais que, talvez, você esteja acostumado a ver de outro ângulo.



18

9 - Relógio Solar

Após subir as escadas do Mirante da Gruta, suba as escadas de acesso ao pátio da igreja. Ainda no pátio, do lado esquerdo da torre sineira, você encontrará um bellissimo exemplar de relógio solar. Esculpido em mármore, originalmente tinha o seu gnômon (ponteiro) em bronze, mas este foi perdido e substituído por outro em ferro. É um interessante objeto e que funciona com espantosa precisão. Mas cuidado, durante o horário de verão ele funciona com uma hora de atraso.



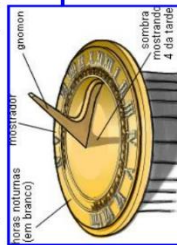
Saiba mais:

O Relógio Solar funciona a partir da incidência dos raios solares, permitindo ver as horas.

Sabemos que a Terra é esférica e realiza o movimento de rotação em torno de seu próprio eixo e esse o fenômeno causador dos dias e das noites. Com isso, temos a sensação de que a cada hora do dia o Sol está em uma posição diferente. A luz vai mudando de posição conforme as horas vão passando e, basicamente, é a mudança na direção da luz que faz com que a sombra do gnômon vá mudando de lugar no painel, marcando assim as horas.

Existem vários modelos e alguns podem apresentar sistemas mais complexos, mas basicamente, todos eles utilizam-se do mesmo conceito.

Já pensou em fazer seu próprio relógio solar de garra pet? Leia o Qr Code e veja como.



19

10 - Igreja de N. S. da Penna

Um interessante pensamento ligado aos fatores históricos é que os acontecimentos populares vão sendo difundidos de boca em boca e, talvez, sejam totalmente reais ou um tanto quanto fantasiosos. Mas afinal, o que é realidade senão a forma como quem conta viu os fatos?

A história da Igreja de N. S. da Penna, por exemplo, é tomada por uma mística que é, no mínimo, interessante.

Segundo a crença popular, naquela região próxima ao Morro do Galo havia uma fazenda de criação de cabras e um dos escravos era responsável por levar os animais até o pasto no início do dia e recolhê-los ao pôr do Sol. Seu senhor, sempre que estava em casa, acompanhava de sua varanda o trabalho dos serviçais. Em um desses dias, no cair da tarde, o escravo começou a recolher as cabras do campo, como fazia diariamente. Em um dado momento ele percebeu que um dos animais havia sumido e começou uma busca desesperada no campo, pois sabia que seria açoitado por seu senhor se o tivesse perdido. O dono do engenho, que tudo acompanhava a distância, já começou a gritar com o negro.

Em sinal de total desespero, o negro se ajoelhou no chão e clamou a Nossa Senhora da Penna (santa de devoção de seu senhor) que o ajudasse a encontrar o animal perdido. Ao olhar para cima, ele avistou uma mulher, toda vestida de branco no alto da Pedra do Galo. O senhor que olhava ficou estupefocado, pois como seria possível uma mulher escalar toda aquela montanha e suas roupas se manterem brancas?

A mulher que eles viam fez um sinal com as mãos. Uma luz que saía do meio das nuvens iluminou um pequeno arbusto e revelou a pequena cabra. Ao olharem novamente para o morro, a mulher já não estava mais.

Certo de que aquela era Nossa Senhora da Penna, o senhor mandou que seus escravos já construíssem uma capela dedicada a ela e ainda alforriou o escravo.



20

Outro conto popular diz que um escravo, já de idade avançada, era responsável em levar água em barris para o alto do morro. Se nós que viemos do plano inclinado já suamos a camisa, imagine ele que subia todo o percurso por uma trilha de terra? E foi numa dessas tantas subidas que ele arriou seu barril e começou a chorar. Segurou-se em uma rocha e clamou a Nossa Senhora da Penha que o livrasse daquele sofrimento. No mesmo momento a rocha começou a aflorar água e o alto da Pedra do Galo passou a verter água em uma mina que, segundo é dito, ainda fornece água para a igreja.

Construir um igreja sobre um penhasco com **160 metros** de altura não é uma missão simples, e esse, com certeza é um marco na história do bairro. Não se tem a data precisa na qual esta foi erguida, mas sabe-se que ocorreu entre **1633 e 1642**.

Em termos arquitetônicos, a igreja conta com apenas uma torre sineira. No seu interior, dois corredores laterais comunicam-se pela sacristia que fica aos fundos. Atrás do altar é possível observar as gravuras de **D. Pedro II e D. Tereza Cristina**, que constantemente visitavam a igreja. Nessa época, a imperatriz chegava ao topo da Pedra do Galo carregada por escravos em uma cadeirinha, que ainda hoje pode ser vista no Museu Nacional. O altar é em estilo rococó e o teto apresenta pinturas do martírio de Cristo.

Sobre as duas janelas frontais é possível ler os escritos em latim que dizem: **"Virgo Singularis"** e **"Mala Nostra Pelle"**, que em português significam "Virgem Simples" e "Nossa Senhora Dileta" (excessivamente querida).

Este é um dos mais antigos templos da baixada de Jacarepaguá. O primeiro é a pequenina capela de **Nossa Senhora da Cabeça**, construída em 1616, anexa a casa sede do Engenho D'Água, atualmente localizada no pequeno morrote no entroncamento da Estrada do Gabilin e Estrada Coronel Muniz Aragão, na Cidade de Deus. O segundo é a capela de **São Gonçalo do Amarante**, que pertencia ao Engenho do Camorim e data de 1625.



Pelas suas características, manutenção, traçado original e idade, a Igreja de Nossa Senhora da Penha foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) na primeira metade do século XX. E um dos mais belos cartões postais da cidade do Rio de Janeiro e precisa ser preservada e divulgada.

Saiba mais:

Esta é a representação de Nossa Senhora em um penhasco: por isso Penha, que é oriunda de Penha segundo a antiga escrita. A santa é protetora das artes, ciências e letras e Padroeira da Imprensa.

A festa da padroeira ocorre durante o mês de setembro.



21

Por Fim

Esperamos que você tenha se divertido e descortinado um mundo novo à sua frente. Todo esse patrimônio é nosso; foi ele que construiu o bairro e tornou-o o que é hoje. Somos produtos de um passado lindamente contraditório e cheio de histórias, geografias e culturas. Acreditamos que essas nossas raízes precisam ser preservadas e, para tal, é necessário conhecer. Convide seus amigos e parentes, desbrave este e outros espaços descobrindo aquilo, que muitas vezes, não somos capazes de observar. Como é comum em nossos roteiros, terminamos com uma poesia ou música; e este roteiro não será diferente...

Jacarepaguá, beijos, muitos beijos...

Jacarepaguá, data vênus,
Aceita os meus parabéns,
Com um beijo para **Gardênia**
E outro para um alguém

Um beijo também eu tenho
Para a tua antiga região fabril,
Onde existiu um engenho
E hoje é o **Anil**

Um beijo imenso eu mando,
Com toda minha alegria
Para a gente que me está
aguardando

Que mora na **Freguesia**
E outro mais mandaria
Acompanhado dos teus
Para turma da periferia
Lá da **Cidade de Deus**

Para encontrar-me contente
Nas duas bochechas, compara
O beijo que mando para gente
Que reside na **Taquara**
Dois beijos: um seco e outro
molhado,

Um que arte, e outro que in-
cha,
Estou fazendo mandados
Para o bando do **Pechincha**
Um beijo aos demais ajunto
E ao qual eu superexalto
Para a turma lá do conjunto

Um beijo entusiasmado
Com cheiro de chuva
Porque com amor é mandado
Para gente da **Vargem Pequena**

Mais um beijo estou mandando
Sem nenhuma cerimônia,
Para quem está esperando,
De mim, lá na **Colônia**

Um beijo que sobressai,
Do tipo que a tudo amarra,
Vai para a turma da praia
Das águas boas da **Barra**

Um beijo com marca ou sinal,
Dado com emoção profunda,
Vai para a galera infernal

Um beijo em tuas palmeiras,
E nos belos gravatás,
Em teus pés, arceiros,
E também nos manatás
Quem dera pudesse dar
Um beijo nos montes, serras e
matas,
Em teu litoral, em teu mar,
E nos rios, fontes, cascatas...

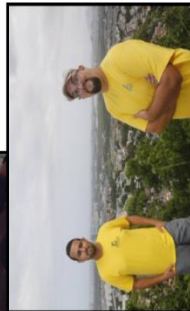
(Paula Sant'Ana Amador)

22

Nos vemos em breve aqui, nas redes ou na Freguesia, Colónia, Camorim, Tanque, Taquara, Marechal Hermes, Realengo, Santa Cruz, Barra de Guaratiba, Centro, Barra da Tijuca, Praça Seca ...
Vem conosco, vem com a **Pé de Moleque!**

Na trilha de um passado distante

Projeto Pé de Moleque promove passeios gratuitos por pontos históricos da Baixada de Jacarepaguá, a partir do próximo domingo



Fale com a Pé de Moleque

www.pdmroteiros.com
pdmroteiros@gmail.com
facebook.com/pdmroteiros
Instagram: @pdmroteiros

Curta nossa página e saiba todas as novidades.





GE  **GRAFANDO**
no Bairro
FREGUESIA DE JACAREPAGUÁ

